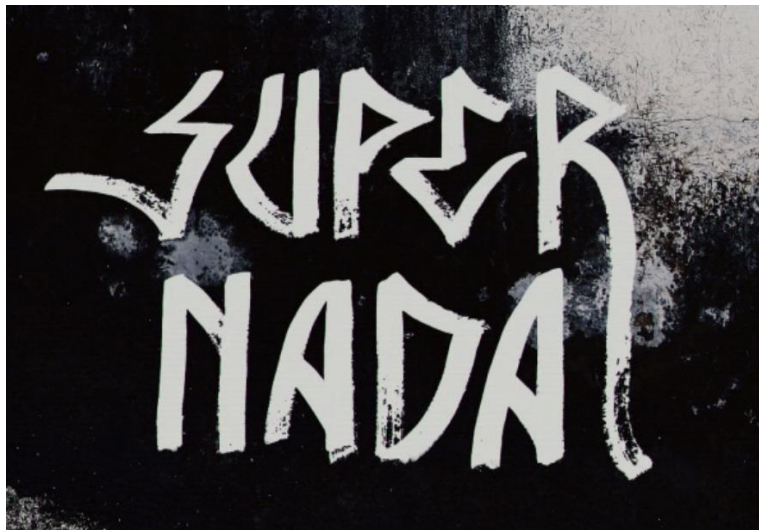


CONFEITARIA DE CINEMA E SANTA LUCÍA CINE APRESENTAM



um filme de RUBENS REWALD co-dirigido por ROSSANA FOGLIA

Brasil/Mexico | 2012 | 94 min | 35mm | Dolby digital | Cor |

www.supernada.com.br

supernadaofilme.wordpress.com

www.facebook.com/supernadafilme

15 de março nos cinemas

com

Marat Descartes

Jair Rodrigues

Clarissa Kiste

Distribuição: Lume Filmes

Frederico Machado

lumeproducoes@yahoo.com.br

98 - 32354860

Assessoria de imprensa: F&M ProCultura

Flavia Miranda

flavia@procultura.com.br

11 - 32639107

11 - 9885421771

FESTIVAIS:

Prêmio de Melhor Ator para Marat Descartes – Festival de Cinema de Gramado 2012

Prêmio de Melhor Longa-Metragem | Novos Rumos – Festival do Rio 2012

Prêmio especial do júri para Jair Rodrigues | Novos Rumos – Festival do Rio 2012

36ª Mostra de Cinema de São Paulo

Amiens Internacional Film Festival 2012 – França

PIFF Pune Internaciona Film Festival 2013 – Índia

Festival Internacional de Mar del Plata 2012 - Argentina

Mostra de Cinema de Tiradentes 2013

FICHA TÉCNICA: SUPER NADA – SUPER NOTHING

- Roteiro e direção: Rubens Rewald
- Co-direção: Rossana Foglia
- Produção: Confeitaria de Cinema e Santa Lucía Cine
- Produtor: Leonardo Mecchi
- Co-produtor México: Aarón Fernández
- Preparação de elenco e casting: Cristiane Paoli-Quito
- Montagem: Willem Dias
- Direção de fotografia: Hélcio “Alemão” Nagime
- Projeto de som: Eduardo Santos Mendes e Luiz Adelmo
- Trilha original:
 - Brasil: Claudio Faria, Natalia Mallo, Danilo Penteado, Mariá Portugal
 - México: Camilo Froideval e Raúl Vizzi
- Direção de arte: Ana Rita Bueno
- Figurino: André Simonetti
- **Elenco:**
 - Marat Descartes como Guto
 - Jair Rodrigues como Zeca
 - Clarissa Kiste como Livia
 - Denise Weinberg como Ester
 - Cristiano Karnas como Daniel

Lygia Macedo Campos como Júlia

Lucia Romano como Dora

Débora Seretiello como Vera

Gisele Calazans como Biti

Larissa Salgado como como Gi

Iacov Hillel como Humberto

Rogério Britto como Eduardo

SINOPSES:

- Curta

Guto (Marat Descartes) é um ator que batalha para sobreviver em São Paulo. Ele vê sua sorte mudar quando é convidado a atuar em “Super Nada”, seu programa de tv favorito.

- Longa

“Super Nada” é o nome de um programa de TV humorístico decadente, cujo protagonista é Zeca (Jair Rodrigues). Guto (Marat Descartes), fã de “Super Nada”, é um ator que tenta ganhar a vida alternando pequenos trabalhos de ator, testes para campanhas publicitárias, aulas de dança contemporânea, apresentações de clown e malabarismos. Ao ser convidado para participar de um quadro do programa, Guto vê a possibilidade de finalmente se integrar. Após o ensaio no set de “Super Nada”, Guto toma um porre acompanhado de Zeca, o que o obriga a levá-lo para seu apartamento. A relação de ídolo e fã degradingola a partir do encontro de Zeca e Lívia (Clarissa Kiste), namorada de Guto.

APRESENTAÇÃO

Super Nada traz já no título uma contradição em termos. A princípio, o nada não pode ser chamado de super. No entanto, a contraposição é uma constante na vida de Guto (Marat Descartes). Ao longo do filme acompanhamos um ator que luta para sobreviver em São Paulo e encontrar seu lugar ao sol. As dificuldades de Guto para se firmar profissionalmente na cidade grande são reforçadas pela presença ostensiva de uma dura paisagem urbana. Mas se São Paulo o sufoca, por vezes também parece acolhê-lo.

Os diversos mundos de Guto nos são apresentados pouco a pouco. Sua instabilidade profissional e afetiva é sugerida por suas diversas relações: com o parceiro enrolado de sketches, com a namorada inconstante, com a filha que ele não consegue sustentar sozinho, e com a mãe de que continua dependente. Seu gosto pelo programa humorístico “*Super Nada*”, protagonizado por Zeca (Jair Rodrigues) e calcado em lugares comuns, revela certa acomodação. Ao mesmo tempo, seu corpo aparece sempre em movimento. Ao longo do filme vemos Guto ensaiando, dançando, fazendo aulas de contato-improvisação, atuando no palco ou diante das câmeras, fazendo brincadeiras corporais com a filha, a mãe e os amigos. Esta intensa mobilidade corporal contrabalança portanto seu relativo marasmo profissional, que se exprime nos closes de seu rosto frequentemente angustiado e melancólico.

Numa combinação parecida e igualmente audaz, a escolha de atores ainda pouco conhecidos nas telas para os papéis principais é contrabalançada pela presença marcante de Jair Rodrigues, numa de suas raras atuações no cinema. Heterogêneo, o elenco se revela no fim das contas muito entrosado e carismático.

A estética de *Super Nada* emana da situação do protagonista Guto. Tudo está em consonância com ele: os enquadramentos, a fotografia e a montagem acompanham a trajetória desse personagem que é um homem de seu tempo. A câmera na mão é sóbria como as cores das cenas. Nada soa exagerado ou fora do tom. As quebras ficam por conta da narrativa, cheia de surpresas. *Super Nada* se insere numa linhagem do cinema brasileiro que se propõe a tratar de questões contemporâneas, como a situação das cidades, das relações humanas e da mídia. Como Zeca diz várias vezes, “não tá fácil para ninguém”.

BIOFILMOGRAFIA + ENTREVISTA COM O DIRETOR RUBENS REWALD

Rubens Rewald nasceu e cresceu em São Paulo. Em 1990, se formou no curso de cinema da ECA/USP (Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo), onde começou a lecionar em 2002 a disciplina de Dramaturgia Audiovisual. Desde então, se dedica ao roteiro cinematográfico, à dramaturgia teatral e à realização de filmes. Na década de 1990, escreveu espetáculos multimídia como *Narraador*, *Do Gabinete de Joana*, *umBigo* e *Caminhos*. Em 1991 realiza seu primeiro curta, *Cânticos*. Em 2002, realizou o curta-metragem *Mutante...*, em parceria com Rossana Foglia, parceria essa repetida na direção do seu primeiro longa-metragem de ficção, *Corpo*. Em 2009, dirigiu, ao lado de Tales Ab’Sáber, o documentário *Esperando Telê*.

1) Qual foi a gênese do roteiro?

Como trabalho com teatro há muito tempo e, portanto, tenho uma familiaridade com o percurso dos atores, o roteiro parte de algo que conheço de perto. A dificuldade de se firmar profissionalmente na grande cidade estava na origem do projeto. O primeiro nome do filme era “Teste”, o que remete a algo do cotidiano não só dos atores, como de qualquer profissional lutando por um espaço. Estamos a todo momento numa espécie de competição, onde devemos provar que somos melhores uns dos outros, o que nos leva a se identificar com o Guto [Marat Descartes], protagonista do filme, que passa por uma via crucis profissional e emocional. Aliás esse cruzamento entre a vida profissional e a pessoal é a linha condutora do filme. O que eu busquei no roteiro do *Super Nada* foi desconstruir algo que todo bom drama deve ter: a “unidade de ação”. Unidade de ação é aquela questão central em torno da qual todos os elementos do drama estão subordinados. Ao meu ver, um herói contemporâneo não tem apenas uma linha de ação, ele se envolve em diversas dinâmicas, é atravessado a todo momento por diversos problemas, uns colidem com os outros, e essa instabilidade dramática se reflete na construção da jornada de Guto.

2) Qual foi o aporte dos colaboradores citados nos créditos finais (Jean-Claude Bernardet, Tales Ab’Saber, Vladimir Safatle, etc..)?

Faço parte de um coletivo chamado *Nudrama*, um grupo de pessoas ligadas à ECA/USP e profissionais da área, que durante muitos anos teve uma intensa atuação

fazendo *script doctor* [dinâmica de leitura de roteiro]. Acredito piamente neste processo de discussão do roteiro em grupo, por achar que a elaboração de um filme é vocacionalmente coletiva. Comecei a escrever o roteiro de *Super Nada* depois de filmar o *Corpo* [2007]. Ao longo do processo de escrita, que durou quatro anos, tentei procurar pessoas diferentes que pudessem opinar em assuntos que eu gostaria de adensar. Isso foi muito importante para o resultado final, daí a referência a estes leitores nos créditos.

3) Da sua vasta experiência no teatro, o que você trouxe para o cinema?

Minha relação com o teatro é profunda. Tenho mais de dez peças encenadas e estava indo bem quando ganhei o edital do filme *Mutante* [2002]. Me formei em cinema no anos 1990 na ECA/USP, exatamente no momento do plano Collor, ou seja, à época da terra devastada. Eu me interessava por essa dimensão do processo colaborativo nas artes cênicas, e foi isso que tentei transpor para o cinema. Respeitando uma certa hierarquia, busco sempre um espírito colaborativo para toda a equipe do filme, desde os atores até o montador, passando pelo fotógrafo, pelo preparador de elenco, pelo diretor de arte etc.

4) Depois do curta *Mutante* (2002) e do longa *Corpo* (2007), *Super Nada* (2012) é seu terceiro filme desenvolvido com Rossana Foglia. Como foi a realização a quatro mãos?

Decidimos tudo conjuntamente. Ao contrário do que se pode pensar, o momento mais difícil não é o da filmagem, mas o da pré-produção. Decidir a decupagem é um processo muito lento, pois são duas maneiras de ver que devem entrar num acordo. Já nas filmagens o processo é tranquilo, pois partimos de decisões consensuais. Na filmagem são dois olhares, duas atenções e um filtro mais rígido. Se uma cena ficou boa para um, mas não para o outro, fazemos de novo. Tenho mais facilidade para trabalhar com os atores, a Rossana para trabalhar com a câmera, temos uma dinâmica de trabalho muito boa.

5) Uma certa impressão de decadência ronda o filme do início ao fim, da degradação da cidade até o programa de TV admirado por Guto. Essa camada de leitura estava prevista desde o início?

A decadência é um sub-texto do filme. *Super Nada* dialoga com a cultura pop, através

da televisão, da presença do Jair Rodrigues, do flerte com o cinema marginal, mas traz um pop em declínio. Nos anos 1960, uma alegria acompanhava a explosão pop, mas hoje o pop é melancólico. Perdemos a ingenuidade daquele momento. O filme dialoga com a decadência dessa cultura, mas também das cidades e das relações. Ela se exprime pela degradação dos espaços, pelo tropeço dos personagens. Tudo parece desarranjado.

6) A cidade é um personagem de *Super Nada*. Guto contracena muitas vezes com a sua paisagem, vez por outra surgem duetos dos atores com os grafites. Como foi pensada a presença de São Paulo no filme?

Ela estava prevista desde o início. De acordo com o estado de espírito dos personagens, vemos a cidade de maneira diferente. Os humores da cidade influenciam os humores do personagem e vice-versa. A cidade pode ser ao mesmo tempo agressiva e acolhedora. Guto não foge dela, com a qual se relaciona o tempo todo. Convivendo com a desolação, há um movimento constante. É como se ele fosse um fractal da cidade, expressando essa dicotomia entre imobilidade e mobilidade. O que dá cor, bagunça e vida à cidade são os grafites e as pessoas. Fizemos uma pesquisa extensa sobre o grafite, porque ele marca São Paulo e orienta nosso olhar. Os grafites pontuam o filme como sinais para o Guto.

7) Uma das grandes qualidades do filme é a construção dos personagens, que fogem do estereótipo e da caricatura, mas parecem evocar figuras circenses. Guto encarna, de certo modo, um equilibrista, cuja rede de segurança fica a cargo de Lívia. Zeca, por sua vez, tem algo de um palhaço – ao qual nos afeioamos. Como você transmitiu para os atores o desenho de seus respectivos personagens?

O Marat [Guto], o Jair [Zeca] e a Clarissa [Lívia] carregam de certo modo o filme. A metáfora que eu usava bastante para o personagem do Guto era a daquele malabarista de pratos do circo chinês. Enquanto eles equilibram quase todos, deixando um ou dois caírem no chão, Guto conseguia equilibrar apenas um ou dois pratos, deixando todo o restante cair. Ele é um “desequilibrista” de pratos. O contexto é decadente e o Guto é vivo, ele se descola de seu entorno. Ele está aquém e além da sua realidade. O personagem da Clarissa – Lívia – é um pouco lacunar, o que pode ser passível de crítica, mas é assim que a figura dela aparece na vida de Guto, da qual o filme emana.

Já o personagem do Zeca traz um ar novo ao pessimismo que paira o cotidiano de Guto. Zeca é ambíguo, a tristeza e a alegria, a amargura e a doçura coexistem no personagem. Enfim, queria que todas essas relações fossem o mais fiéis possível às sensações do Guto.

8) O personagem de Guto responde a uma imobilidade profissional com uma extrema mobilidade corporal. Como se a dramaturgia e o roteiro caminhassem para uma direção e a direção de ator para outra. Essa decisão foi deliberada?

Quando se fala em *dramaturgia* nos EUA, ela envolve duas coisas interligadas: a escrita dramática e a construção do ator. Ao escrever um roteiro, já visualizo o *pathos* do ator. Como tenho essa relação íntima com o teatro, entendo a linguagem do ator. Isso já faz parte da minha dinâmica de trabalho e de criação. Meu roteiro já está carregado da fisicalidade e da oralidade do ator. Mas é claro que há um caminho entre a escrita do roteiro, o ensaio, a filmagem e a montagem. Geralmente as cenas do roteiro tem uma dupla função: elas devem ser boas por si só dentro da estrutura geral da trama, mas o ator tem que se sentir estimulado. Muitas vezes existem caminhos que estão incompletos no roteiro, deixo algumas lacunas para que o ator possa preenchê-las.

9) Você já comentou sobre a mudança que a presença do Jair Rodrigues trouxe para o personagem do Zeca. Como ele era antes e depois?

O personagem do Zeca era muito mais sombrio, deprimido e pessimista. Era mais pesado, e deixava o filme mais pesado. Essa personalidade afastava muito os atores... Teve um momento em que comecei a querer confiar esse personagem a um ator não profissional, pois ele pedia algo diferente, que quebrasse as expectativas do espectador. Pensei então no Jair Rodrigues, um ídolo popular, como uma espécie de Grande Otelo, um pouco deslocado, anárquico, engraçado, tendendo a causar um curto-circuito interessante na percepção do espectador com sua energia e luz fulgurantes. Para nossa surpresa, o Jair recebeu o projeto de braços abertos. Nós o deixamos livre para improvisar e adaptar as falas do Zeca. Ele tornou o personagem mais leve e trouxe uma carga de humor que equilibrou o filme.

10) Vocês ensaiam muito antes das filmagens?

Ensaíamos de um a dois meses antes da filmagem, de duas a três vezes por semana. Concebo o set como um lugar de criação, mas também como o ápice de tudo aquilo que foi trabalhado durante os ensaios. Ao contrário do que se pensa, os ensaios não servem apenas para fechar a cena, mas também para alimentar os atores. O ensaio é o espaço do ator, onde ele tem muita liberdade para descobrir novos caminhos, novas possibilidades, novas gestuais. As vezes o ator é o melhor termômetro para saber se aquele caminho dramático está correto ou não. Reescrevo muito o roteiro a partir dos ensaios.

11) A fotografia adere aos humores dos personagens, ora mais cinza, ora mais solar. Como foi o trabalho com o Hélcio “Alemão” Nagamine?

O “Alemão” foi nosso colega de ECA. A comunicação sempre foi muito fácil e direta. Ele compreendeu totalmente o sentido, a linguagem e o movimento do filme. A ideia da decupagem e do desenho de luz era que tudo fosse muito seco, nada pomposo, quase descolorido. As cores do filme deveriam emanar dos humores do Guto, como se tudo fosse uma coisa só: o personagem, a cidade e o filme. Outra escolha importante foi a nossa opção pelo Super 16mm, que dá uma imagem não tão profunda, nem tão densa, nem tão vibrante quanto o 35mm, mas dá uma densidade de película. Achamos que o Super 16mm dialogaria muito bem com a dramaturgia do filme.

12) Como vocês indicaram ao montador o que queriam?

Geralmente eu e Rossana ficamos em cima do montador, não lhe damos vida fácil. Mas na primeira semana é sempre bom deixá-lo livre, para que ele possa ganhar intimidade com o material. Eu sempre digo que a montagem é o último tratamento do roteiro. Ela reconstrói a dramaturgia pela manipulação do tempo e do espaço, assim como do corpo do ator. Através da montagem você redefine a interpretação do ator. Chegamos num primeiro corte de 2h40 com muitas histórias, nas quais Guto fazia mil testes, se envolvia em mil coisas, parecia ainda mais desfocado... O montador teve um trabalho muito importante nesse processo de redução, privilegiando uma fluência narrativa e selecionando os momentos essenciais que deveriam figurar na versão final.

13) A banda sonora do filme é muito inventiva, ora alternando, ora superpondo os sons da cidade e a trilha sonora. Como foi o trabalho de desenho de som?

Buscamos um diálogo entre os sons da cidade e os outros sons. É praticamente imperceptível, mas existem duas trilhas sonoras completamente diferentes, compostas por uma banda brasileira e outra banda mexicana. E uma não tinha acesso ao que a outra estava compondo. Há vários trechos no filme justapondo os sons da cidade e os das trilhas brasileira e mexicana. A ideia era criar uma dissonância, uma certa poluição sonora produzindo novos sentidos para as cenas.

14) Como o público dos festivais tem recebido o filme?

A sensação que eu tive com as exposições do filme é de muita afetividade do público. As pessoas gostam de ver, tem uma relação de adesão, por isso que estamos otimistas com o lançamento. O humor facilita a comunicação, e somos muito devedores à presença do Jair Rodrigues. Tive a sorte de trabalhar com uma equipe harmoniosa e com excelentes atores, acho que isso está refletido no resultado final.

BIOFILMOGRAFIA + ENTREVISTA COM A CO-DIRETORA ROSSANA FOGLIA

Rossana Foglia nasceu em São Paulo e se formou no curso de cinema da ECA/USP. Nos anos 1990, fez a cenografia e direção das peças de teatro *Do Gabinete de Joana* e *Ante-Câmera*. Em 1991, realizou seu primeiro curta-metragem, *Rosas Mortas*, e em 2002, realizou em co-direção com Rubens Rewald, *Mutante...*. Em 2007, dirigiu ao lado de Rubens seu primeiro longa-metragem, *Corpo*.

1) Após dois filmes realizados em parceria, como ocorreu a gênese desse novo projeto? A elaboração do roteiro do *Super Nada* foi diferente da dos outros que o precederam?

Diferentemente dos nossos trabalhos anteriores, o *Super Nada* é um projeto do Rubens. Ele o desenvolveu individualmente, e chegou a uma primeira versão do roteiro. Fiz algumas leituras já perto do momento das filmagens. Em seguida pensamos a realização do filme juntos. Minha contribuição foi principalmente na direção e não na construção do roteiro ou do argumento.

2) Antes de ser diretora de cinema, você trabalhou em algumas peças de teatro. Como se deu seu itinerário no teatro?

Eu e Rubens nos conhecemos na ECA/USP, e na época em que estávamos nos

formando era muito difícil filmar. O Rubens tinha alguns projetos no teatro no final dos anos 90 e foi quando me envolvi. Como também fiz FAU/USP [Faculdade de Arquitetura e Urbanismo], na primeira peça que o Rubens montou, me dediquei intensamente ao cenário. Fizemos três peças juntos, sendo que na última, *O Gabinete de Joana*, me aventurei na direção. Mas ao contrário dele, não continuei a trabalhar com teatro depois desses primeiros projetos.

3) O *Super Nada* é o segundo longa que vocês dirigem a quatro mãos. Como é que funciona a dinâmica de trabalho entre vocês?

No nosso caso ela tem a ver com o tempo e com o crescimento pessoal de cada um. Quando trabalhamos em teatro, estávamos aprendendo, e estas co-produções/co-direções tinham um sentido. No momento em que fizemos o curta, *Mutante...*, estávamos mais maduros, pois tínhamos três peças de teatro na nossa bagagem. Apesar de ter trabalhado com teatro, sempre quis me voltar para o cinema. Eu e Rubens crescemos profissionalmente juntos e creio que o *Super Nada* funciona como uma transição. O filme marca o momento em que provavelmente daremos início a nossas carreiras solo. Minha participação nesse projeto é de certa forma residual, fui para o set do *Super Nada* como uma co-diretora. As filmagens são um processo controlado, não faz sentido trabalhar em dupla para chegar no momento da filmagem e ter crises. Temos que ser objetivos e evitar as situações de instabilidade. Claro que podemos ter situações que fujam completamente do controle nas filmagens, e é bom que tenhamos. Mas precisamos saber reagir a elas.

4) Como foi essa pesquisa das locações? A decisão de quais seriam retratadas no filme era tomada em conjunto?

Este foi um período árduo, em que fizemos uma longa pesquisa. Foi quando começamos a atentar para os grafites. Por exemplo, eu sabia da existência dos Gêmeos, mas não sabia que aquele grande painel na Radial-Leste na altura da Liberdade era de autoria deles. Pouco a pouco começamos a prestar mais atenção e a estudar esse tipo de beleza da cidade. Entramos em contato com grafiteiros que fizeram coisas específicas só para o filme, mas há outras imagens que já faziam parte da paisagem urbana.

5) Parece que tudo no filme, inclusive a estética, deveria emanar do

personagem do Guto. Você que trabalhou em sintonia com o fotógrafo, tinha isso sempre em mente?

Nós sempre fazemos um estudo de decupagem na locação e um planejamento dos quadros nos espaço em que iremos filmar. Para mim a questão do espaço no cinema é muito importante. Estudar como você localiza os personagens no mundo, nos interiores, ou como podemos explorar melhor a cena é imprescindível. Sou mais obsessiva com isso. Para mim é essencial estudar as locações, inclusive para dar novas ideias aos atores no momento das filmagens. Nós conversamos sobre todos os planos com o fotógrafo antes de ir para as filmagens. Porque a partir do momento em que ele já sabe o que queremos, poderá propor novos olhares para uma cena e não terá que se preocupar em resolver tudo naquele momento. Planejar é bom para liberar a criação. Creio que o cinema lida com um tempo real, não pode ser algo artificial. Temos que entrar no real dentro desses planos decupados. O presente daquele momento tem que estar pulsando.

6) Como foi trabalhar com o Jair Rodrigues?

A presença do Jair nos colocou um desafio, tínhamos que pensar como iríamos trabalhar a improvisação com ele. Acho que no fundo era o que todo nós estávamos querendo. Nós queríamos que viesse essa energia mágica que nos desconcertasse. A presença do Jair atendeu a um desejo coletivo. Precisávamos nos sentir instáveis, para poder responder e dar vida à coisa toda. E essa foi a grande graça do filme. A energia do Jair está lá. Ele foi um presente dos deuses para o *Super Nada*. O Zeca era um personagem para baixo que bagunçava a vida do Guto, o Jair continua fazendo essa bagunça, mas tem um brilho. Ele trouxe ao personagem uma beleza que talvez não estivesse prevista.

7) Como funciona o trabalho de vocês com o montador?

Esse foi um filme para o qual tínhamos um pouco mais de dinheiro do que em *Corpo*, e portanto pudemos filmar mais. Quanto mais material, mais complexa fica a montagem. Tínhamos uma riqueza de pontos de vista de cada cena. Havia uma série de possibilidades de filme. E por isso foi mais difícil. Primeiro tínhamos que resolver como seria aquela história e daí vem a decisão da plasticidade, o que vai dar unidade ao filme. Fizemos uma experiência que foi a de colocar o Guto para procurar emprego e fazer testes reais, mas como o material dramático era muito construído, rico, não

tinha espaço para outra coisa. Logo no início da montagem percebemos que havia uma diferença grande entre os testes reais do Guto e os outros momentos da vida dele. Essa ideia não cabia no material dramático e terminamos por cortar quase todos estes momentos. Na montagem surgem as diferenças de estilo, há o montador que também propõe novas questões, mas acho que conseguimos chegar num resultado final que nos representa.

8) Como você tem percebido a recepção do público ao filme?

Tivemos um momento muito especial no Festival de Gramado, em que participamos de uma competitiva forte, com ótimos filmes, como o *Som ao Redor* [Kleber Mendonça Filho, 2012]. O que me surpreende é o envolvimento do público e nós sentimos muito forte essa vibração nos festivais pelos quais o filme tem passado.

BIOFILMOGRAFIA + ENTREVISTA COM O PRODUTOR LEONARDO MECCHI

Leonardo Mecchi é engenheiro, formado na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Enquanto cursava a graduação, conseguiu uma bolsa de estudos para estudar engenharia na França, mas acabou fazendo cursos de cinema. Hoje é crítico e produtor de mostras, festivais e filmes, como *Onde Andará Dulce Veiga?* (2007), de Guilherme de Almeida Prado, *Quebradeiras* (2009) e *À Margem do Lixo* (2012), de Evaldo Mocarzel e *Chantal Akerman, de cá* (2010), de Gustavo Beck e Leonardo Ferreira.

1) Como foi o primeiro encontro com o projeto do *Super Nada*?

Eu e Rubens nos encontramos no Festival de Brasília, onde ele comentou sobre o projeto. Após ter lido o roteiro, achei que a ênfase na urbanidade da cidade de São Paulo era uma ótima ideia. Esse é um assunto que me fascina, pois acho a nossa cidade muito cinematográfica e muito pouco retratada. Além disso, achei a história do personagem uma situação contemporânea, que poderia ter a empatia de vários tipos de pessoas. Fiquei muito interessado e topei.

2) O filme é uma co-produção com o México, com a produtora Santa Lucía Cine. Como foi que ocorreu esse acordo?

A co-produtora é de um diretor mexicano chamado Aaron Fernandez. Rubens e Aaron se conheceram em Nantes, França, durante um workshop importante de co-produções internacionais, Produire au Sud, e pensaram em fazer algum dia um projeto juntos. A co-produção abre novas possibilidades de financiamento, facilita a distribuição no exterior, há uma série de vantagens. De imediato isso trazia a possibilidade de aplicarmos para um fundo chamado Ibermedia. Entramos com o projeto e fomos contemplados. E em seguida nós expandimos essa co-produção para uma questão artística. Aaron foi assistente de direção, tivemos dois atores mexicanos, e parte da trilha sonora foi composta por músicos mexicanos. E por uma questão de custos nós optamos fazer a finalização toda do filme no México.

3) Como ocorreu o processo de captação de recursos para o filme? Você tiveram alguma dificuldade em concatenar a entrada dos recursos?

O projeto havia ganhado o prêmio de baixo orçamento do Minc. Tínhamos esse dinheiro inicial que nós sabíamos que não seria suficiente para fazer o filme. Assumimos o risco de ir tocando o início das filmagens com os recursos do Minc, mas na terceira semana não tínhamos mais dinheiro. O filme é uma coisa viva, foram surgindo imprevistos, outros novos gastos, estouros de orçamento, etc. Eu e Rubens tínhamos duas possibilidades: ou parar todo o filme, o que seria uma catástrofe, ou então colocar dinheiro do próprio bolso para terminar o filme, e foi o que fizemos. Era um projeto em que acreditávamos e acabando conseguindo os aportes necessários, da Ibermedia e da Secretaria Estadual de Cultura.

4) Nos créditos finais do filme você assina a Produção Executiva, e a produção em si você dividiu com o Rubens?

A princípio fui convidado para fazer a produção executiva, que é um pouco mais restrita no tempo do que a produção propriamente dita. Mas meu envolvimento com o projeto foi tão grande, que acabei saindo do papel do produtor executivo e passando a assumir a produção mesmo, a ponto de colocar dinheiro do próprio bolso. Acompanhei todo o processo desde o início, o Rubens é muito aberto e gosta de trabalhar em colaboração. Tivemos que adequar o filme ao dinheiro que tínhamos, e ele é um cineasta que joga muito do lado da produção. Como o filme foi feito pela Confeitaria de Cinema que é produtora do Rubens e não pela Enquadramento Produções, que é a minha produtora, acabou que assinamos juntos a produção.

5) Como foi trabalhar com dois diretores? Isso dificulta muito seu trabalho?

Nosso trabalho juntos sempre foi muito orgânico. Estava até comentando outro dia que estou virando um especialista nisso, já produzi quatro filmes com co-direção. Brinco que o produtor é multifacetado. Sou engenheiro de formação, isso traz um lado muito importante do produtor que é o de ter esse controle de cronograma, orçamento, planilhas, contratos. Devemos ter esse lado prático, mas ao mesmo tempo ser uma espécie de terapeuta. É papel do produtor, manter a equipe unida, com um bom astral, saber lidar com atritos, discussões. Dois diretores trazem um diálogo que enriquece o filme, mas carregam juntos uma certa tensão. E o produtor tem esse papel de mediador, de trazer a conversa para o nível colaborativo, concreto, profissional.

6) Como foi a procura das locações em São Paulo que tem um papel crucial no filme? Houveram contratempos e dificuldades?

Filmar em locais icônicos, como na Av. Paulista, na Praça Roosevelt, no Minhocão, demanda toda uma infraestrutura, autorizações, pessoal para fechar a rua, isso encarece o projeto como um todo e dá mais trabalho. Mas isso é fazer cinema, não dá para reclamar da quantidade de trabalho para filmar. Temos que saber lidar com estes imprevistos e saber se adaptar. Tivemos dificuldades de logística por causa da GP de SP de Formula 1, quem não acompanha bem sequer sabe que esse é um dos maiores eventos que a cidade abriga. Outra questão: A Praça Roosevelt tinha uma presença muito maior no filme. Mas poucas semanas antes do início das filmagens, após termos fechado diversas locações lá ao redor, descobrimos que ela seria fechada para o início da reforma. O Rubens reescreveu o roteiro, fomos buscar outras locações, mudar o cronograma, mas cinema é assim, temos que saber integrar os imprevistos para o bem do filme. Acho que o resultado final ficou ótimo e provou que todo nosso jogo de cintura valeu a pena.

BIOFILMOGRAFIA + ENTREVISTAS COM O ELENCO

Marat Descartes nasceu em São Paulo, estudou Letras na FFLCH e interpretação na Escola de Artes Dramáticas da USP. Integrou o elenco de peças como *As Polacas*, *Os Lusíadas*, *Aldeotas*, *Oração para Um Pé-de-Chinelo*, *Ligações Perigosas* e *Primeiro*

Amor, pelo qual recebeu o Prêmio Shell, em 2007. No cinema, atuou nos filmes *Um Ramo e Trabalhar Cansa*, de Juliana Rojas e Marco Dutra, *É Proibido Proibir*, de Anna Muylaert, *Estamos Juntos*, de Toni Venturi, *Dois Coelhos*, de Afonso Poyart, *Corpo Presente*, de Marcelo Toledo e Paolo Gregori e *Os Inquilinos*, de Sérgio Bianchi, pelo qual recebeu o prêmio de Melhor Ator no Festival de Cinema Luso-Brasileiro de Santa Maria da Feira, em Portugal, em 2010. Recebeu o prêmio de melhor ator no 40º Festival de Cinema de Gramado em 2012, pela atuação em *Super Nada*.

1) Como surgiu o convite para fazer o *Super Nada*?

Eu e o Rubens já nos conhecíamos há um bom tempo. Ele é muito próximo da minha mestra da EAD/USP, a Cristiane Paoli-Quito. Num primeiro momento fiquei um pouco em crise com o personagem, achando que não tinha mais idade para fazer o papel. O Guto é um ator que ainda está patinando na carreira e na vida, e eu já estava num momento da minha carreira mais estruturado. Tinha um lugar estabelecido no teatro e no cinema. Mas depois de refletir, cheguei a conclusão de que não existe idade para viver esse tipo de situação. Vi no Guto quase que um arquétipo do ator nessa loucura da cidade grande.

2) Qual é a sua relação com a cidade de São Paulo, talvez o personagem que você mais contracena no filme?

Eu adoro São Paulo, nasci e cresci na Vila Madalena. Foi em SP que construí minha história, e é onde tenho minha carreira solidificada e reconhecida. Tenho uma ótima relação com a cidade, a loucura e a correria eu tiro de letra. Creio que para além das desventuras de um ator, o filme trata sobre como é sobreviver na cidade. Desde o início do processo o Rubens reiterava que o filme tratava ao mesmo tempo das dificuldades de inserção na carreira um ator, como de qualquer profissão. Vemos no filme uma cidade que engole os desejos e as perspectivas das pessoas. Mas ao mesmo tempo existe um olhar de admiração pela cidade, ela acolhe os personagens. A cidade pode ser cinzenta e melancólica, ao mesmo tempo é possível encontrar cor e beleza através da cultura urbana, refletida nos grafites.

3) O Rubens tem uma visão de que o cinema é sempre um processo colaborativo. Você sentia que tinha liberdade e interlocução com os

outros membros da equipe?

Sim, ganhando experiência no cinema, a criação coletiva é um dos aspectos de que eu mais gosto. Criar quadro a quadro com toda a equipe é uma espécie de artesanato feito a várias mãos. E sendo o Rubens parceiro de longa data, tínhamos um diálogo muito aberto. Nós todos tínhamos liberdade para propor de um tudo, de como o ator se insere naquele plano, o que aquela cena significa dentro do roteiro, etc. Nesse sentido, poderia dizer que o *Super Nada* é um filme co-autoral.

4) O que você acha que dá para trazer do teatro para o cinema? Você tem alguma preferência de um meio em relação ao outro?

Acho uma coisa completamente diferente da outra, mas não tenho nenhuma preferência. As duas linguagens tem seus prós e contras. No cinema cada plano é uma oportunidade de você trazer novas informações, outro conteúdo, de reinventar seu personagem. Ao passo que no teatro, uma vez que você ensaiou a peça toda, nosso personagem muda pouco ao longo da temporada. Comecei a fazer teatro com 14 anos, e nunca mais parei. Quando estava me formando na faculdade tive vontade de fazer cinema, mas achava muito estranho aquela câmera na minha frente e todas aquelas pessoas ao meu redor. No cinema você deve ter a atenção redobrada. Devemos ser capazes de nos distanciar de tudo aquilo que está em volta, e ao mesmo tempo estar completamente dentro da cena, do personagem... São facetas diferentes que me fazem gostar muito das duas linguagens.

5) Como foi dividir a cena com o Jair Rodrigues?

Foi delicioso, o Jair no set é diversão garantida. E nós tivemos essa importante preparação com a Quito. Ele se mostrou sempre muito aberto e disponível. O personagem do Jair apareceu como um contraponto do meu personagem e acho que isso fez muito bem para o filme.

6) Você chegou a assistir um corte intermediário do filme?

Eu insisti muito com Rubens para poder ver o filme no meio do processo de montagem. Ele acabou deixando e eu nunca me arrependi tanto... Eu estranhei muito aquele filme em corte seco, sem muito ritmo, sem música, sem marcação de luz. Achei meu personagem meio pesado, triste, melancólico. Fiz vários comentários para o Rubens, que agradeceu e me disse que aquilo que eu havia dito só reforçava a

imagem dele sobre o filme, ou seja, totalmente o contrário do que eu havia dito. Mas quando o assisti em tela grande tive uma surpresa maravilhosa.

7) O que você achou do resultado final do filme?

Atuar no *Super Nada* teve um sabor muito especial. Primeiro porque contracenei com minha filha, Lygia, que acabou fazendo o papel de minha filha no filme, minha esposa também participou, e por fim, meu melhor amigo faz o papel do meu parceiro de Clown. Eu me senti em casa. Quando assisti ao filme em Gramado a surpresa foi muito grande. Era um filme completamente diferente daquele eu tinha visto na metade do processo, a montagem transformou o filme. E achei o máximo, adorei.

8) Neste ano você estará em 7 longas que entrarão em cartaz. Quais são seus próximos planos, alguns outros filmes em vista?

Nos últimos tempos fiquei um ano e meio trabalhando só com cinema, por isso terei tantos frutos a colher em 2013. Nos meus 20 de anos de carreira, nunca tinha ficado mais de um trimestre sem fazer teatro. No final do ano passado me convidaram para participar de uma peça que já está em cartaz, *O Terraço*, e eu topei. Além disso, aprovei duas peças num edital, um juvenil que irei adaptar e dirigir e, um monólogo que irei interpretar. Ou seja, nesse primeiro semestre resolvi matar a saudade do teatro.

Jair Rodrigues nasceu em Igarapava, É um dos maiores cantores da música popular brasileira. Em 1965, fez muito sucesso na parceria com Elis Regina no programa O Fino da Bossa, da TV Record. Em 1966, venceu o II Festival da MPB, na mesma TV Record, defendendo a música "Disparada", de Geraldo Vandré e Théo de Barros. Conhecido por cantar sambas, surpreendeu o público e júri com sua interpretação. A partir daquele momento, sua carreira decolou e seu talento assegurou décadas de sucesso ao cantor. "Super Nada" é sua estreia em um grande papel no cinema brasileiro.

1) Quais foram as suas primeiras impressões quando o Rubens e a Rossana te convidaram para viver o personagem do Zeca em *Super Nada*?

O Rubens e a Rossana vieram aqui na minha casa para conversarmos sobre o

personagem do Zeca. Eles deixaram o roteiro comigo, li e gostei. Na verdade, o *Super Nada* sou eu. Essa foi a terceira vez em que fui convidado para fazer um filme. A primeira foi em 1969, em que fiz *Jovens para frente*. Acho que este foi o último filme em que o grande e inesquecível Oscarito participou. Mais tarde me convidaram para fazer parte de um filme que eu seria o pai do meu filho Jairzinho. E o terceiro foi o *Super Nada*, em que o personagem parece ter sido feito para mim.

2) Em que medida a sua experiência dos palcos se aproxima com a que você viveu no set de filmagem?

Desde menino sempre gostei de frequentar as salas de cinema. Admirava os cantores que se arriscavam a atuar, como o Frank Sinatra, bem como os diversos atores que cantavam nos filmes. Sempre fiquei encantado com aquilo, pois acho que o artista deve ser completo. Para mim, o set não foi diferente do palco. À medida em que fui me profissionalizando na música, fui me tornando um misto de ator com cantor.

3) Como foi a preparação para viver o Zeca ao lado de Cristiane Paoli-Quito?

A nossa aproximação foi uma relação de irmãos. Eu poderia até comparar o que foi a Quito na minha vida com a grande, inesquecível amiga Elis Regina. Nós conversávamos muito sobre o trabalho, quando eu dizia uma palavra, perguntava se minha inflexão estava boa, ela me dava uns toques, propondo novas maneira de fazer. Ela percebeu que eu queria chegar o mais próximo da perfeição.

4) Segundo os diretores a sua presença trouxe boas mudanças para o personagem do Zeca e conseqüentemente para o filme. O que há de Jair Rodrigues no seu papel?

Quando eu me deparei com o personagem tive a sessão que o Rubens e a Rossana já me conheciam há muito tempo. Eles me explicaram o projeto com tanto carinho, que eu não sabia se iria ter a mesma afeição pelo Zeca, mas ao ler o roteiro foi até mais emocionante. Cheguei a falar para eles que eu era um artista da música. Mas no palco nós temos que ser um artista de todas as áreas. Fiquei muito contente com a abertura e o diálogo que nós tínhamos desde o início. Poderia dizer que no personagem do Zeca há 80% de Jair Rodrigues.

5) Como foi contracenar com atores experientes como o Marat Descartes?

Quando vi que iria contracenar com o grande Marat Descartes tremi nas bases. A mesma coisa acontece quando um cantor de início de carreira nos convida para participar de um show deles. Quando eles nos veem ficam travados. Eu só não travei, mas vi que estava no meio de feras. O Rubens me deu muita liberdade para que eu pudesse usar o meu próprio jeito de falar.

6) O que você achou da sua participação no filme?

Foi tão lindo participar do *Super Nada*. Esse filme foi uma reunião de bambas, não tinha banca, todo mundo se igualava, ninguém queria aparecer mais do que ninguém. Todo mundo estava muito disponível, repetíamos as cenas quantas vezes fosse necessário para que ela ficasse do jeitinho que os diretores tinham imaginado. Sempre que terminávamos de filmar uma cena todo mundo aplaudia, toda a equipe se abraçava, tinha um clima de comunhão no set.

7) Qual é a sua relação com o humor? Vocês gosta de arrancar risadas das pessoas?

Eu sempre penso muito no que vou dizer quando entro no palco para cantar. Eu gosto que as pessoas riem para mim e não riem de mim. Eu procuro agradar gregos e troianos, mas é difícil. Eu costumo dizer: Falem bem, mas falem de mim.

8) Quais são seus próximos projetos, vocês continua dando shows Brasil à fora?

Em breve eu estou indo para Las Vegas fazer shows e na volta vou me juntar ao meu filho Jairzinho para realizar um novo cd e dvd. Nós iremos gravar 30 músicas, algumas inéditas e outros clássicos que eu nunca gravei. Vocês poderão ver que o Jair pode cantar qualquer tipo de música.

Clarissa Kiste é formada na Escola de Comunicações e Artes ECA/USP e na Escola de Arte Dramática EAD/USP. No teatro, atuou, entre outros, nos espetáculos *Dom Juan*, *Hell*, *Como me tornei estúpido*, *Querida Helena* e *Narraador*. Seu papel de maior destaque na TV é a personagem Luisa, da série policial *9mm: São Paulo*, da FOX. No cinema, além de inúmeros curta metragens, atuou nos longas *Trabalhar Cansa*, de Marco Dutra e Juliana Rojas e *Carmo* de Murilo Pasta.

1) Como surgiu o convite para fazer o *Super Nada*?

O Rubens foi a primeira pessoa que me contratou profissionalmente, e foi para fazer uma peça de teatro. Eu tinha 16 anos e estava me formando na Macunaíma, minha primeira escola de teatro. Fizemos juntos o *Narraador* [1996], uma das primeiras peças que o Rubens escreveu. Tenho até hoje guardado um xerox da folha de cheque desse meu primeiro salário. Filmando o *Trabalhar Cansa* [Juliana Rojas e Marco Dutra, 2011], o Marat comentou que o Rubens me procuraria para conversar sobre seu próximo projeto de filme. Em seguida ele me convidou para fazer o teste do *Super Nada* e eu acabei sendo confirmada para fazer o papel da Lívia. Nós temos um carinho muito grande um com o outro, nos conhecemos quando éramos muito jovens, e foi muito bonito a vida proporcionar nosso reencontro.

2) O que precisa te chamar atenção para você topa um trabalho?

Já tiveram momentos em que eu neguei alguns trabalhos, mas sendo bem sincera na nossa carreira não temos tanta escolha, pois ainda não há tanta oferta. Quando comecei minha carreira de atriz, o cinema engatinhava, faço teatro desde os 14 anos. Eu gosto muito do filme anterior do Rubens e da Rô, *Corpo*, e ao ler o roteiro do *Super Nada*, achei excelente, adorei a personagem. Gosto desse lado do filme que fala da batalha da carreira do ator, apesar da minha história pessoal não ter acontecido exatamente assim, todos nós conhecemos colegas como os personagens do Guto e da Lívia. Acho que o principal para que eu possa topa um projeto ou não, passa muito por com quem eu irei trabalhar. Quando você está com pessoas em que você confia e admira você topa e segue junto nessa trilha.

3) Você transita entre televisão, teatro e cinema. O que leva de experiência de um meio para o outro? E o que há em comum entre atuar no palco, na TV e num set?

Fiz um pouco de tudo, publicidade, dublagem, cinema, série de tv, teatro, e eu tudo é o mesmo *métier*. Eu lanço mão dos mesmos artifícios para trabalhar no cinema, na tv e no teatro. Como comecei trabalhando no teatro, e foi o que eu mais fiz, posso dizer que é onde eu me sinto mais segura. No teatro, o ator tem o domínio total do que está fazendo, estar em cena no teatro é muito completo e requer muito do ator. No cinema já é diferente, temos que ser muito mais receptivos do que ativos. Eu brinco que no

cinema, inserida no cenário, na textura, na cor, no figurino, você quase que não precisa fazer mais nada, só o que está escrito no papel. A imagem é muito forte no cinema. No teatro você tem que estar presente 360 graus, criar a forma, a velocidade, o clima... no cinema quem cria tudo isso é todo aparato que está em volta, no caso é o diretor que rege. Eu concordo com aquela máxima: a tv é uma arte do autor, o cinema é uma arte do diretor e o teatro é uma arte do ator. Em cada meio há quem comanda.

4) Como foi feita a preparação para você viver a personagem?

Nós ficamos 2 meses fazendo aulas de preparação corporal, e isso nos dá uma sensação de estar fazendo teatro, de estar no lugar independente da Lívia, independente da minha fala. A sua personagem começa a ganhar corpo, jeito, olhar. Esse contato focado com o personagem faz com que você esteja segura no momento das filmagens, esteja em casa no momento da ação. Essa preparação foi muito prazerosa e importante para estabelecermos uma mesma comunicação, uma mesma língua.

5) A personagem da Lívia é lacunar, que aparece e desaparece ao longo do filme, isso te colocou alguma dificuldade? Havia alguma dificuldade nessa fragmentação das suas cenas?

Foi mais difícil encontrar o arco da personagem. Na verdade, a Lívia está lá como um chão para o personagem do Guto. Através da relação dele com ela, dos comentários dela, das atitudes dela, nós estendemos melhor o Guto, as aspirações dele, seus fracassos, sua falta de iniciativa. Acho que a função da Lívia é clarificar a compreensão do aspecto pessoal do Guto. A cena da dança entre o Zeca e Lívia marca uma virada e daí em diante eu entendo o fato dela sumir, pois da metade do filme para frente o espectador já tem informações suficientes sobre o Guto.

6) Como foi contracenar com o Marat Descartes e o Jair Rodrigues?

Desde o início o Rubens sabia bem o que queria da minha personagem. Com o Jair tivemos que ter um jogo de cintura, o que é normal pelo fato dele não ter essa prática como ator. É uma figura única, foi uma delícia trabalhar com o Jair. Ele tem uma energia impressionante.

7) Como é trabalhar com dois diretores?

Eu dei sorte, o Rubens e a Rossana estão em uníssono o tempo todo. Ambos são muito abertos. O fato de sermos atores e do filme tratar da nossa realidade, fazia com que eles nos ouvissem muito, dávamos nossas opiniões do que era verossímil ou não. No set, o Rubens é mais expansivo e a Rossana mais observadora. Ao meu ver, quanto mais atenção e quanto mais opinião melhor, pois o momento da filmagem é o momento da troca. Tinha também uma ótima relação com o fotógrafo, o Alemão. Para o ator é muito importante a conexão com essa pessoa que está com olho na câmera. Quando entro no set estabeleço imediatamente uma relação de olhar com o fotógrafo.

8) Quais são seus próximos projetos?

Quero cada vez mais fazer cinema, mas não há tanta abertura e tantos projetos para nos absorver. Este ano fiz com a Monique Gardenberg, que também é diretora de cinema, um espetáculo baseado nos contos do Haruki Murakami, chamado *O desaparecimento do elefante*. Em breve ele irá estrear aqui no SESC Pinheiros.

BIOFILMOGRAFIA + ENTREVISTA COM A PREPARADORA DE ELENCO CRISTIANE PAOLI-QUITO

Cristiane Paoli-Quito é professora da Escola de Arte Dramática EAD/USP, atriz, produtora e diretora de teatro e da Cia. Nova Dança 4. Como diretora investiga as intersecções entre as linguagens: teatro, dança, circo, teatro de bonecos e música. Recebeu o Prêmio Shell de melhor espetáculo por *Crack- Teatro de Bonecos*, em 1990, e por *Aldeotas* em 2004. Além do Prêmio APCA de Melhor Espetáculo de Dança por *Experimentações Inevitáveis + Antropofágica 3*, em 2007.

1) Como foi sua entrada no projeto do *Super Nada*?

Eu e Rubens somos parceiros de trabalho desde de 1994. Fizemos diversas peças juntos, eu dirigi espetáculos escritos por ele. Geralmente o Rubens me apresenta os projetos que está desenvolvendo. No caso do *Super Nada*, eu li os primeiros tratamento do roteiro. Acho que pela questão dele estar trabalhando tanto com o universo do ator quanto com o palhaço, ele fez questão que eu estivesse junto. Já que tenho um histórico de trabalho nesses assuntos, sou professora de teatro e de palhaço. Como meu envolvimento e meu interesse foram crescendo ao longo do projeto, acabei

fazendo o *casting*, a preparação dos atores, propondo novas cenas, etc. Creio que a natureza do nosso encontro de muitos anos que nos levou a ter um diálogo muito próximo e fluido. Acho que a vontade do Rubens de me ter mais próxima neste trabalho foi por conta dessa relação de teatralidade que o filme tem.

2) Vocês pensaram nos nomes dos atores em conjunto?

O que acho interessante no *casting* do filme é que ele foi feito com pessoas que são do teatro, e não necessariamente do cinema. E creio que isso dá uma veracidade para aquela situação vivida pelo Guto. Sou professora da EAD/USP (Escola de Arte Dramática), em que o Marat e a Clarrisa foram meus alunos. Eu inclusive cheguei a dirigir o Marat numa peça chamada *Aldeotas*. Além de ser uma grande admiradora do trabalho dele, achei que o Marat se daria muito bem no perfil do personagem do Guto.

3) Como foi trabalhar com a preparação do Jair Rodrigues que era ao mesmo tempo um personagem importante e um não ator?

Apesar do Jair não ser ator, ele é antes de mais nada um intérprete, e isso faz toda a diferença. Como o ouvi muito na minha vida, sabia das molecagens, do potencial e do palhaço que havia nele. Meu contato com o Jair foi de pura admiração e de respeito. Tenho uma parceira de longa data, a Tarina Coelho, que foi quem fez o trabalho de preparação corporal. Nós desenvolvemos em conjunto um trabalho de consciência corporal, de como se mover, por onde ser mover, etc. O Jair é uma pessoa muito aberta e a nossa cumplicidade era recíproca. Ensaiávamos o texto juntos, fazíamos exercícios de respiração, nós estávamos sempre pulsando juntos nas cenas. O que eu usava o tempo todo era essa relação do intérprete. Apesar do cinema ser mais decupado, em que raramente o ator faz algo no fluxo, era surpreendente como ele conseguia entrar no jogo da cena e encarnar o personagem.

4) O Rubens reitera uma visão de que o cinema é sempre um processo colaborativo. Como é que você sente a presença da colaboração no trabalho de vocês?

O Rubens é um assombro de abertura. Desde o princípio, tivemos muita liberdade um com o outro, pelo fato dele ter trabalhado como dramaturgo nos meus espetáculos. Ele é flexível, nos escuta e nos dá espaço. Para você ter uma ideia dei palpite até na edição. Sem dúvida nenhuma o que cada um da equipe propunha o Rubens absorvia.

5) E como foi trabalhar com dois diretores? Vocês divergiram muito ou tinham uma relação mais harmoniosa?

Foi tudo muito tranquilo. Claro que há divergências de pensamento, mas nada que houvesse um grande peso. Chegava um momento que deveria haver uma palavra final de um dos dois. Ora eu coincidia com um um, ora com outro, mas sempre houve uma boa cumplicidade entre os dois.

6) O que você achou do resultado final do filme?

Sou suspeita para dizer, mas gosto muito da atuação dos atores. Gostei bastante do filme, pois não o acho comum, apesar de tratar da vida comum. Ele vai te levando para um lugar de uma estranheza do cotidiano e de uma estranheza das valorizações. Eu me peguei vendo o filme, eu simplesmente estava acompanhando a história. Como fazedor de teatro você sempre está ali tentando ver aquele detalhe, e na projeção do filme eu de repente de me vi dentro da história e me surpreendi. Acho interessante como ele trata nossas perspectivas por vezes tão grandes e nossas escolhas tão pequenas.

BIOFILMOGRAFIA + ENTREVISTA COM O MONTADOR WILLEM DIAS

Willem Dias é montador e editor de som. Em 1997 montou seu primeiro longa-metragem, *Os Matadores*, de Beto Brant, pelo qual ganhou um Kikito no Festival de Gramado. Coleciona mais de 40 trabalhos entre curtas e longas, dentre os quais poderíamos destacar: *Cabra-Cega* (2004), de Toni Venturi, *Carandiru*, *Outras Histórias - Minisérie* (2005), *Eu receberia as piores notícias dos seus lindos lábios* (2011), de Beto Brant e Renato Ciasca, *Augustas* (2012), de Francisco Cesar Filho e *À margem do lixo* (2012), de Evaldo Mocarzel.

1) Como foi o primeiro contato com o Rubens e com a Rossana?

Os conheço porque fui eu quem editou o trailer do filme anterior deles, *Corpo*. Em seguida eles me convidaram para editar os programas de TV que estão dentro do filme, cujo apresentador é o personagem do Jair Rodrigues. Foi então que eles me convidaram para montar o filme. Fiz o primeiro corte sozinho e depois começamos a

trabalhar em conjunto. Gosto de fazer esse primeiro corte para ir descobrindo o material, ter intimidade e ver o que ele é no todo. É nesse caminho proposto pelo montador em que conseguimos propor ideias novas, que ainda não foram previstas pelos diretores, que já tem uma relação prévia com todas aquelas imagens.

2) O Rubens e a Rossana assumem que gostam de estar muito presentes durante a montagem. Como foi trabalhar com dois realizadores?

Temos que encontrar um meio termo. Se temos duas cabeças que pensam a direção, o montador deve a cada momento tomar a decisão para que lado seguirá. Houve momentos em que eu concordava com a Rossana, em outros com o Rubens. Foi ótimo trabalhar com eles, pois os dois são muito detalhistas e se emprenham muito nesse momento da busca de um caminho para o filme. Tínhamos muito material e a montagem durou cerca de 5 meses.

3) Rubens contou que nas primeiras semanas, umas das primeiras cenas que você montou – que particularmente considero umas das melhores do filme - foi a da dança entre o Zeca e a Livia sugerindo a inserção da música do Jair. De onde surgiu a ideia? Havia alguma sugestão prévia no roteiro?

Montei essa cena sem nenhuma referência musical, foi quando lembrei do “Deixa isso para lá” do Jair. Na minha cabeça, essa música tinha que entrar em algum momento do filme, mas ao mesmo tempo não sabia onde, foi quando vi essa sequência que tive certeza de que a música tinha um caimento perfeito nesse momento da dança.

4) Segundo o Rubens a montagem funciona como o último tratamento do roteiro, e para ele você desempenhou um papel crucial na fluidez narrativa do filme. Quais foram as suas estratégias para escolher o que deveria ficar e o que deveria sair do primeiro corte para o último?

Eu sou um montador muito intuitivo. Tinham muitas coisas que eu sentia que não deveriam estar ali. Tivemos um certo trabalho para encontrar o momento certo para a entrada do Zeca na vida do Guto. A montagem mudou muitas vezes. Mas quando encontramos o caminho, o filme fluiu. Como montamos o *Super Nada* na ECA, Escola de Cinema da USP, podíamos projetar o filme numa sala que se aproximava a uma sala de cinema, e isso nos ajudava a deliberar sobre que o que deveria ficar ou

sair. Víamos o filme muitas vezes. Foi um trabalho ao mesmo tempo árduo e estimulante. A dupla te dá muita liberdade, criamos em ritmo de colaboração e parceria.

5) Para os diretores a estética do filme deveria emanar dos personagens, a montagem seguiu essa mesma lógica?

Uma coisa que acho importante é que o Marat compõe muito bem o personagem do Guto. A atuação dele era sempre muito precisa. Tudo foi se equilibrando até a chegada do Jair, neste momento há uma mudança na montagem. Após a entrada do Zeca, o filme anda de outro jeito. Uma coisa importante na montagem é o trabalho do ator no geral. A qualidade na atuação traz uma tranquilidade à montagem e isso nós tínhamos de sobra no *Super Nada*.

6) O filme teve duas trilhas sonoras compostas, você teve alguma relação com a montagem do som no filme?

Tive um envolvimento grande. Nós trabalhamos em conjunto, experimentando as sobreposições, o momento da entrada de cada trilha, outros sons. Como eu gosto muito de música, sempre que há essa possibilidade eu aproveito para me envolver.

BIOFILMOGRAFIA DAS PRODUTORAS

A **Confeitaria de Cinema**, fundada em 1987, já produziu mais de 10 curtas-metragens premiados no Brasil e no exterior, com destaque para *Mutante...*, de 2002, vencedor do Prêmio de Melhor Ficção e Melhor Som na XXIX Jornada de Cinema da Bahia, e Seleção Oficial da Mostra Competitiva do Festival Internacional de Curtas de Clermont-Ferrand, o principal festival do mundo dedicado ao gênero.

Desde sua criação, a Confeitaria também produziu variados espetáculos teatrais multimídia, como *O Rei de Copas*, vencedor do Prêmio APCA em 1994 e *Umbigo*, que ganhou Prêmio Nacional de Dramaturgia em 2001. Seus últimos trabalhos produzidos foram o documentário *Esperando Telê* (2009), de Rubens Rewald e Tales Ab'Saber, e o longa-metragem de ficção *Corpo* (2007), co-dirigido por Rubens Rewald e Rossana Foglia. *Corpo* foi um dos 10 filmes mais votados pelo público na Mostra Internacional de Cinema de São Paulo em 2007 e venceu o prêmio de melhor filme estrangeiro no The Method Festival – Los Angeles, em 2008. Foi selecionado também para os Festivais de Montreal, Palm Springs, India, Miami, Rio de Janeiro, Tiradentes, Cuiabá e Natal.

A **Santa Lucía Cine** é uma companhia produtora mexicana criada pelo diretor e produtor Aarón Fernández, com um especial interesse nas co-produções internacionais e dedicada ao desenvolvimento de projetos cinematográficos com propostas estéticas autorais. Co-produziu os seguintes filmes, além de *Super Nada*:

Las horas muertas (2013). Escrita e dirigida por Aarón Fernández. Co-produção México, Espanha, França. Com o apoio do Programa Ibermedia.

Partes usadas (2007). Escrita e dirigida por Aarón Fernández. Co-produção México, Espanha, França. Com o apoio do Programa Ibermedia e do Fonds Sud.

PATROCINADORES

Super Nada foi filmado no segundo semestre de 2010 e foi finalizado em meados de 2012. Contou com recursos do Minc, através do edital de Baixo Orçamento; da Ibermedia, Fundo Ibero-americano de estímulo à produção de filmes Ibero-americanos; Programa Municipal de Fomento ao Cinema – Finalização Longa-

Metragem – Prefeitura de São Paulo; Proac, Programa de Ação Cultural 2011/ 2012; Programa de Fomento ao Cinema Paulista - Governo de São Paulo e Sabesp.

O QUE JÁ SAIU NA IMPRENSA

[Festival de Gramado: Quando 'nada' quer dizer muito](#)

Por Rodrigo Fonseca – O Globo |12/08/2012

<http://oglobo.globo.com/blogs/cinema/posts/2012/08/12/festival-de-gramado-quando-nada-quer-dizer-muito-459958.asp>

GRAMADO (RS) - Em meio à discussão sobre as crises técnicas e estéticas do Festival de Gramado, em plena celebração de 40 anos de existência, a mostra competitiva de longas-metragens diz a que veio com um filme capaz de ofertar ousadia e carisma em medidas equivalentes. Com CEP paulistano, “Super Nada” fez a crítica acreditar que este pode ser um ano de retinas lavadas pela esperança em meio à disputa pelo Kikito. Um achado à parte - a presença do cantor Jair Rodrigues como ator - mostra que o cineasta Rubens Rewald teve a sobriedade de valorizar um ícone popular além-cinema como figura capaz de promover uma discussão sobre a cultura de massas no Brasil. Numa narrativa precisa, que em nenhum momento se deslumbra com a imagem quase folclórica de Jair, Rewald trouxe a Gramado um longa capaz de dialogar com a linhagem marginal de Sganzerla (“Abismu”) e Bressane (“O rei do baralho”) ao mesmo que traça, de modo realista e retilíneo, as agruras profissionais de um operário da arte: um ator de nome Guto, vivido por um dos melhores intérpretes do país na atualidade, Marat Descartes.

“Super Nada” é o nome de um programa de TV decadente, de uma emissora classe Z, no ar há anos, no qual um comediante metido a malandro, Zeca (Jair), requebra esquetes de tempos ancestrais, num formato à la “A praça é nossa” e seus congêneres. Mas mesmo ultrapassado, Zeca continua a ser um modelo para Guto, um ator que ganha a vida em pequenos bicos de atuação, engolindo fogo nos sinais ou exercitando seus movimentos corporais em exercícios de dramaturgia contemporânea. Com sua competência, Guto tem a chance de fazer um teste na TV, justo na trupe de “Super Nada”. E é nos bastidores das gravações e num porre de conhaque e outras vibes

etíficas que ele desobre quem o verdadeiro Zeca é, numa relação especular fraturada entre ídolo e fã. Rewald narra o trauma do sonho quebrado como um dos núcleos de uma dramaturgia de roteiro mais ambiciosa, na qual a preocupação em acompanhar a peleja laboral de seu protagonista é sempre o foco. Esse registro das empreitadas de Guto aferra “Super Nada” a uma forma onde o realismo é edificado com inteligência, num processo de observação similar ao feito por Luís Sérgio Person em “São Paulo S/A” (1965) ou por Roberto Santos em “O grande momento” (1957). As vicissitudes de uma profissão que tem na fama seu farol vão sendo descortinadas sem glamour, num olhar distanciado, onde as complexidades psicológicas e existenciais de Guto conquistam a plateia por si, sem badulaques – o que não é difícil tendo Descartes em cena. Com o auxílio de Hélcio “Alemão” Nagamine na fotografia, Rewald cria no mínimo uma sequência antológica, na qual Zeca solta o corpo ao som de “Deixa isso pra lá” (hit mais famoso de Jair) enquanto corteja a namorada de Guto, vivida por uma estonteante Clarissa Kiste. Capaz de fazer da economia de recursos um cinzel para esculpir suas atuações, Clarissa compõe um gestual digno de Helena Ignez em “A mulher de todos” (1969). Agudo e envolvente, “Super Nada” deixa a certeza de que a curadoria de José Wilker, Rubens Ewald Filho e Marcos Santuário promete um festival digno de sua efeméride. Vamos ver...

*

Diário de Gramado 2012 Super Nada

Por Luiz Zanin - Blog do Estadão | 15/08/2012

<http://blogs.estadao.com.br/luiz-zanin/diario-de-gramado-2012-super-nada>

O segundo filme brasileiro em concurso foi o surpreendente Super Nada, do cineasta e professor da USP Rubens Rewald. A surpresa começa com a escalação do elenco, na qual se vê o cantor de sambas Jair Rodrigues, o “cachorrão” que fazia parceria com Elis Regina no tempo do Fino da Bossa. Ele faz o papel de Zeca, ator que encarna o anti herói Super Nada, do título. O outro personagem é Guto (Marat Descartes), ator de pequenos papéis, que sonha ser grande e faz todos os testes para ver se emplaca na profissão.

Rewald diz que Jair Rodrigues não era a sua ideia inicial para o papel de Zeca. Mas ao

entrar no elenco, o cantor mudou por completo a concepção da história e do seu personagem. “Tornou-se mais popular, com outra entonação”, diz o diretor. Jair Rodrigues não veio à serra gaúcha, por questões de agenda.

O que se pode e se deve dizer do filme de Rewald é que ele quase nunca caminha no sentido da expectativa do público. Surpreende. É uma imersão no mundo dos pequenos artistas, dos espetáculos semi amadores que existem fora da grande cena das metrópoles e, talvez por sua condição marginal, abrigam o que de mais criativo nelas existe. É também uma reflexão sobre a arte, o envelhecimento do artista, o ridículo da vaidade do star system e coisas assim. Existe muito pensamento por trás de uma ação simples, porém jamais linear ou previsível. Filme para ver e rever.

*

"São Paulo engole os desejos", diz Marat Descartes, de 'Super Nada'

Por Beatriz Carrasco – Portal Terra | 17/10/12

<http://cinema.terra.com.br/mostra-de-sp/noticias/0,,OI6233466-EI20981,00-Sao+Paulo+engole+os+desejos+diz+Marat+Descartes+de+Super+Nada.html>

É difícil assistir Super Nada e não se identificar com os dramas existenciais e complexa personalidade de Guto. Interpretado por Marat Descartes, o personagem retrata as angústias de viver em uma metrópole que parece ter vida própria, sugando e influenciando o emocional de seus habitantes. Vencedor do Kikito de melhor ator no Festival de Gramado deste ano, o paulistano contou ao Terra como foi encarnar um homem que se vê perdido na cidade grande e em si mesmo: "São Paulo engole os desejos e coloca as pessoas em um vórtice de loucura, fazendo com que se perca a objetividade".

Na trama, Guto é um ator que, entre bicos e testes, tenta impulsionar sua carreira. Ele, que vive em um pequeno apartamento no centro da capital paulista, tem sua rotina cercada por prédios, viadutos e grafites. "Eu achava que não tinha mais idade para fazer o Guto, porque, na minha cabeça, ele era um personagem de 20 e poucos anos, um ator no começo de carreira, que tenta de tudo. Mas, na verdade, depois fui começando a compreender que o que acontece com o Guto é uma falta de maturidade", observa Marat.

O protagonista ainda tem uma filha - interpretada por Julia Descartes -, que vive com

a avó, por ele não ter condições de sustentá-la. Apesar de se descrever muito diferente de Guto, Marat comenta que sentiu seus dramas psicológicos, principalmente quando gravava ao lado de Julia, que é sua filha na vida real. "Alguns momentos me emocionaram muito, pois eu me colocava naquela situação, de não conseguir dar conta da criação da minha filha, que é a minha batalha como ator", relata.

Segundo Marat, a principal reflexão promovida pelo filme é a maneira como a metrópole influencia na personalidade das pessoas, fazendo com que fiquem vulneráveis. "São Paulo também é uma personagem do filme, pois aparece como uma força que suga as pessoas, fazendo com que elas percam sua própria personalidade", destaca o ator sobre o filme, que tem cenas gravadas em meio ao trânsito paulistano e vida noturna na região da Augusta.

Dirigido por Rubens Rewald (Corpo, 2007), Super Nada ainda traz no elenco nomes como Jair Rodrigues e Clarissa Kiste. Na pele de Zeca, um humorista velho e decadente, Jair traz leveza e comicidade à história. Ele, que apresenta um programa com o formato de atrações como Zorra Total, usa bordões e piadas ultrapassadas, trazendo uma reflexão sobre a decadência do humor na TV brasileira.

No Festival do Rio deste ano, o filme faturou o prêmio de melhor longa-metragem na categoria Novos Rumos. Em São Paulo, a produção foi selecionada para competir na 36ª Mostra Internacional de Cinema, que começa nesta sexta-feira (19).

*

40º Festival de Cinema de Gramado - Parte 2 - Super Nada

Cinemáticos | 13/08/2012

<http://www.cinematicos.tv/2012/08/40-festival-de-cinema-de-gramado-parte.html>

O Festival de Gramado está surpreendendo pela diversidade dos filmes concorrentes. Se um dia temos uma sessão com diretores iniciantes e alguns probleminhas, no outro isso já é compensado com um projeto de alto nível que consegue tratar de vários temas com a mesma profundidade. Este é o caso de Super Nada, segundo longa do diretor Rubens Rewald que já tem um histórico no roteiro e na dramaturgia.

O filme é sobre a vida de Guto (Marrat Descartes), um aspirante a ator que faz esquetes cômicas nas ruas de São Paulo. Acompanhamos sua jornada de testes, audições e pequenas apresentações. O anonimato parece não ter fim até o dia em que

é convidado para fazer uma ponta no programa de Zeca (Jair Rodrigues), comediante que ele mais admira. Mas talvez isso não seja exatamente a realização de um sonho.

Logo no início, notamos que o filme tem um tom realista, mostrando a decadente e fascinante vida dos artistas marginais. A incansável busca pelo reconhecimento, os ensaios e exercícios corporais, o desprendimento sexual e a diferente forma de lidar com os sentimentos são retratados de uma forma tão verdadeira que só um diretor de teatro poderia conhecer. No entanto com o passar dos acontecimentos, o filme se transforma em algo onírico e surreal e essa constante busca emocional se apresenta como uma força inevitável que consome Guto.

Os personagens se desenvolvem com uma complexidade admirável, com cenas que cativam e causam desgosto. O sentimento de inferioridade e de vaidade de Guto nos deixam com a sensação de estar cara a cara com uma pessoa de carne e osso. E o que falar das atuações? O ator interpreta um personagem que atua. Particularmente, me fascino por personagens decadentes e esta brincadeira com a metalinguagem mexeu comigo que como diretora começo a entender aos poucos o mundo dos atores.

O personagem do palhaço popular Zeca merece um parágrafo a parte. A duplicidade que Jair Rodrigues lhe emprestou é algo que nenhum dos outros cogitados para o papel atingiria (e olha que Tarcísio Meira, Otávio Augusto e Marcos Caruso estavam entre eles). A alegação do diretor sobre a escolha de Jair é que seria necessária uma cara que cativasse Guto e o público. E com seu humor escrachado e popular é claro que ele conseguiu este feito. O mais interessante é a sua versatilidade, que vai da maior simpatia a um lado obscuro e asqueroso.

Nas entrelinhas, percebemos um teor psicanalítico muito forte na relação entre fã e ídolo. Rubens Rewald afirmou que isso foi observado pelo colaborador de roteiro Jean-Claude Bernardet, teórico de cinema de quem sou suspeita para falar. Não há como negar o imenso acréscimo que isso deu ao projeto.

De quebra, o filme faz uma reflexão sobre o veículo de comunicação mais popular, a televisão. Mesmo que o programa Super Nada seja algo de segunda linha como uma espécie de A Praça é Nossa, Guto ainda persiste em fazer parte dele. Isso me lembrou a recente [declaração polêmica de Caio Blat](#). Mesmo que nos indignemos com a pouca qualidade e com os duvidosos meios de divulgação que a TV promove, não queremos deixar de fazer parte da indústria. E aí surge o questionamento: aquilo que almejamos é realmente o melhor?

*

Não tá fácil pra ninguém - Super Nada, de Rubens Rewald (Brasil, 2012)

Por Thiago Brito – Revista Cinética | Novembro de 2012

<http://revistacinetica.com.br/supernada.htm>

A vida de Guto, interpretado por Marat Descartes, é uma trilha que se debate entre trabalhos autorais com pouca ou nenhuma perspectiva de crescimento e a possibilidade de se integrar ao espaço comercial pela participação no programa protagonizado por Zeca (Jair Rodrigues) - uma espécie de "Zorra Total", no qual *slogans*, bordões e lugares-comuns pontuam o humor. Um em especial salta aos olhos e nos intriga pela acidez: "Não tá fácil pra ninguém". Ouvimos esta mesma frase inúmeras vezes em nosso cotidiano. Seja de forma cômica, seja de forma efetivamente séria, ela nos reporta a um beco sem saída que o filme de Rubens Rewald pretende atacar e problematizar frontalmente. "Não tá fácil pra ninguém" revela uma determinada sabedoria popular em se contar a verdade desmentindo, isto é, em se revelar a carapuça apontando a carapuça. A falta de perspectiva de Guto em meio ao cenário paulistano é amarga porque não oferece perspectivas para além do jogo esboçado... uma perspectiva que pode ter eco tão forte na realidade que podemos muito bem não conseguir ignorá-la.

Uma espécie de fábula surrealista da tortuosa batalha por sobrevivência de atores na capital paulista, *Super Nada* nos apresenta uma discussão não muito distante da que foi colocada por *O Gorila*, de José Eduardo Belmonte, ou até mesmo daquilo que se viu esboçado no longa *Riscado*, de Gustavo Pizzi. Com o crescimento do país, o cinema brasileiro vem colocando, continuamente, a questão da utopia, do crescimento, da ufanía, e da passagem para um novo estágio como ponto de inflexão. As reflexões se espraiam desde elementos de grande representação da sociedade brasileira, como em *Pacific*, de Marcelo Pedrosa, no qual o auge da classe média em tocar na terra de Utopia se desvela de forma crítica e triste, a filmes como *Doméstica*, de Gabriel Mascaro. Ao mesmo tempo, filmes como *O Gorila* apontam para a necessidade de transformação e compreensão do novo estágio ou regime de coisas no qual nos encontramos, no fato de que mudanças irão ocorrer, por mais traumáticas que possam ser, e que este novo tempo não irá pedir licença. Precisamos nos ater e corresponder a ele. *Éden*, de Bruno Safadi, nos lembra também da

necessidade de resistência e força diante do jogo de interesses atuais, expresso principalmente na maneira como a protagonista se resguarda para fazer de seu filho algo seu e não apenas um brinquedo ou uma representação da vontade alheia.

Como parte que é dentro deste panorama maior, *Super-Nada* nos pede a força para encarar um estado de coisas que nos impinge, imediatamente, com certo amargor. O rosto de Marat Descarte é um mar de expressões angustiantes, de desejos para sempre postergados e nunca correspondidos. Sua impossibilidade de estabelecer um caso amoroso com Livia (Clarissa Kiste), sua instabilidade financeira, sua relação oblíqua e distante com sua filha e sua mãe, sua falta de perspectiva que, aos trinta e poucos anos, o obriga a viver como que à deriva, sua paixão pelo personagem de Zeca (o Super Nada de um programa de quinta categoria esquecido por muitos, que sobrevive à margem do imaginário das pessoas como um fantasma do passado...), tudo isso soma ao desespero contido e reprimido de Guto, que depende apenas da entrada de Zeca em sua vida para aflorar terrivelmente.

Assim como em *O Gorila*, a necessidade de lidar com o mundo aparece de forma contorcida. Como uma trilha que dá mil voltas em caracol, o caminho de ambos os protagonistas com a realidade que se posta firme do lado de fora é um mergulho num mundo de suspeitas, de sombras, tendo por registro eminente o cinema de gênero. É quando, num momento de extremo furor, ele arrebenta o corpo e rosto de Zeca, que dançava com Livia – a eterna proibida, aquela que sempre termina por desprezar ou fugir dos braços de Guto – que a vida de Guto vira de ponta a cabeça. *Super Nada*, novamente em consonância com o filme de Belmonte, envereda pelo território do suspense, no qual as figuras da rua se transformam e nosso protagonista começa a viver uma realidade paranóica, com medo de que tenha matado Zeca, com medo de que alguém tenha visto, com medo de ter se transformado em um suspeito no imaginário coletivo.

A vontade de se integrar esbarra, quase simultaneamente, com a vontade de se libertar. A liberdade de Zeca seria a liberdade para ser aquilo que gostaria de ser, de ser um ator com vontade e desejos próprios, com sua autoria e seu público. Mas a reviravolta do mundo faz com que, acuado, tome atitudes violentas que corrompem sua aspiração maior, faz com que se sinta um culpado em desbragada aventura de se livrar do crime. É quando sentimos o cansaço de Marat Descartes, quando vemos que seu corpo começa a alquebrar logo após o tapa inicial que indicia o choro do recém-nascido, que o peso do mundo se instaura. O mundo novo vem eternamente velho,

como um longínquo canto de cisne em pleno nascedouro - e Guto esmurra Zeca. Mas Zeca, ao contrário de Guto, já sacou a parada. Não há muito o que fazer, a decadência é perpétua - o programa "Super Nada" não será nada além do que é, assim como ele, Zeca, não poderá se desdobrar em qualquer coisa de mais vital. A vitalidade de Jair Rodrigues como ator vem da consciência de Zeca, da noção de seu papel na história e na narrativa. Um Chacrinha no presente: sabe-se esquecido, sabe o que funciona, o que não funciona, e acaba até mesmo rechaçando grandes inovações. Não é necessariamente aquilo que Guto esperava da vida? Bem, não tá fácil pra ninguém. O final do filme destoa enormemente de *O Gorila* ao não se comprometer ou pactuar com um horizonte que, fatalmente, não percebe ou confia. A felicidade no filme de Belmonte vinha no desenrolar da vida, no fato de que a vida continua e que o destino do homem está em suas mãos. Aqui, Guto recebe de Zeca o terrível legado da consciência de seu papel: o horizonte se fecha, o mundo se torna sombrio. Falso? Verdadeiro? Talvez o melhor que podemos dizer é: duas faces possíveis para um mesmo estado de coisas. Existe um funil atrás de todo o nosso progresso, existe uma face macabra e excludente por trás do novo Brasil, existe, por fim, tanto em *Super-Nada*, quanto em *O Gorila*, a noção da *decadência*. Decadência do novo, decadência do antigo? Talvez um pouco dos dois. Mas, definitivamente, pode-se perceber, através dos dois projetos, um ímpeto forte de questionamento e indignação, de vontade de visão e horizonte. Se existe um plano atual para o cinema, a cultura, e o Brasil, inúmeros são os cineastas que dizem: cabeças hão de rolar.

*

Entre heróis e anônimos

Por Orlando Margarido – Carta Capital | 12/08/2012

<http://www.cartacapital.com.br/blog-do-orlando-margarido/2012/08/12/>

Gramado – Boa a segunda noite competitiva do festival. Não que os filmes exibidos não mereçam reparos aqui e ali, e é até saudável que se proponham não como objetos fechados a uma análise mais profunda e estejam na tela também para um debate franco. Pois ao juntar os filmes com a conversa que se segue no dia seguinte com público e imprensa o resultado cresceu muito. Na primeira rodada tivemos o concorrente latino Artigas – La Redota, que na sua origem híbrida uruguaia e

brasileira já cria um atrito muito interessante ao espectador mas pelo jeito não a Ancine. Isso porque a agência de cinema brasileiro tem negado o certificado de coprodução ao filme de César Charlone que estreou na Mostra São Paulo. Chega a ser difícil lembrar que Charlone é uruguaio tamanha é sua folha corrida de prêmios como diretor de fotografia no Brasil. Basta lembrar o crédito em Cidade de Deus. Com os dois pés fincados aqui, ele é figura querida e talentosa do nosso cinema, qualidades que levou a direção primeiramente em O Banheiro do Papa, quando voltou a filmar em seu país. Artigas é o herói da luta contra a dominação espanhola no Uruguai, um personagem que conhecemos por certo menos que Simon Bolívar e José Martí, líderes da mesma luta em boa parte da América Latina. Eles integram, aliás, a mesma série realizada para televisão por um produtor espanhol de que o filme de Charlone faz parte. Do Brasil, teremos a contribuição do pernambucano Marcelo Gomes com Tiradentes. Mas então é um produto de TV? Não no que isso pode revelar como pejorativo. Artigas, o filme de base ficcional, tem um cuidado de produção, um certo embrulho de qualidade, digamos, que remete a uma produção clássica televisiva. Mas aí temos uma proposta de abordagem e uma narrativa que distorce os dispositivos comuns ao universo da TV que faz toda a diferença. Charlone não se debruça diretamente sobre seu herói, termo que obviamente é questionado todo o tempo, mas sim lança mão da trajetória do pintor Juan Manuel Blanes (1830-1901) ao preparar durante nove meses o retrato oficial de Artigas a pedido do novo governo instalado. Obrigado a mudar sua visão de uma figura histórica com seus defeitos para um herói pronto e irretocável, ele se depara com uma documentação reveladora do caso de um espanhol condenado e enviado pela corte espanhola para assassinar Artigas em troca da comutação da pena. O filme se transfere então para uma espécie de suspense de guerra, quando o visitante chega ao acampamento liderado pelo revolucionário e passa a relativizar o olhar condenador sobre Artigas. Nessa conjunção de momentos de uma mesma época, saltam temas como traição colocados em evidência, assim como o espelhamento na construção de uma figura considerada heroica com sua real condição, como ela é vista pelo governo e por fim pelo desejo do pintor. Difícil, para não dizer complexa, essa viagem de Charlone, que requer atenção e disponibilidade do espectador para se enredar em todas essas ações, mais ainda pela duração um tanto alongada do filme. Mas é uma viagem fascinante e recompensadora. Também pode ser assim, mas numa chave ainda mais restritiva, a proposta do segundo longa da noite, o brasileiro Super Nada, da dupla Rubens

Rewald e Rossana Foglia, que conhecemos do bom e menosprezado *Corpo*. Temos aqui, antes de tudo, um filme muito paulistano, no que quer que isso tenha de positivo e restritivo. Digo por que para mim foi uma identificação de cara aquele protagonista que como ator que não deu certo vive de pequenos expedientes para sobreviver, da dupla de comédicos que integra em pequenas casas de espetáculo ao malabarista de rua que tanto vemos nos cruzamentos de São Paulo. Quem o interpreta é ninguém menos que Marat Descartes, ator talentoso de origem teatral que praticamente adotou o cinema como atividade. E isso para mim também contou muito. Lembrei de seus personagens desde *Os Inquilinos*, de Bianchi, a *Trabalhar Cansa*, de Dutra e Rojas ,até o recente *Corpo Presente*, ainda inédito. São todos tipos de alguma forma pressionados e aterrorizados pela pressão urbana de uma grande metrópole, não importa de onde venham as pressões. Conversei rapidamente com Marat depois do debate e ele me chamou a atenção para o personagem da cidade. Confirmou a semelhança nesse sentido com os papéis anteriores e como esses personagens açodados instigam um intérprete. Ainda mais quem em *Super Nada* temos o personagem ator e ainda este que viverá um comédico junto ao seu maior ídolo. E quem é este? O dito super-herói do título interpretado pelo cantor Jair Rodrigues, presença inesperada mas intencional para criar um ruído estimulante no filme. Jair, como se sabe, não é ator, ou ao menos não o é desde uma participação esquecida nos tempos da *chanchada*. E nem o precisa ser, pois seu comédico decadente no filme virou um deboche de si mesmo num daqueles programas de televisão apelativos numa emissora que ele mesmo diz de terceira, quarta... Prato cheio para o cantor, que não esconde a língua um tanto vulgar, mas de jeitão cativante. E é a ele que Guto, o ator, idolatra e com quem irá tentar um teste para uma vaga no seu programa, enquanto mantém relacionamentos complicados com a mãe (Denise Weinberg), que cuida de sua filha pequena, e a namorada (Clarissa Kiste). O filme se desenrola entre esses dois polos, o pessoal e o profissional de Guto, e marca o meio com passagens que parecem mortas, como se diz no jargão narrativo, ou seja, em que pouca coisa acontece. Ora, só para quem não percebe como a vida cheia de som e fúria pertence mais ao universo hollywoodiano do que ao real dos tipos anônimos. Guto se apresenta um quase quarentão imaturo e em busca de oportunidades ainda, que está se dando conta do talento limitado, e portanto, não pode esperar grandes arroubos no dia a dia. Além disso, o filme oferece muitas leituras intermediárias, nem sempre claras, poucas vezes ditas, que sugerem mais do que explicitam. Nesse sentido, me parece um trabalho

oposto ao que Matheus Souza oferece em seu longa, exibido ontem, no qual se chega quase a uma verborragia, ainda que justificável por estar centrado no universo teen. Nem todos os colegas jornalistas e críticos presentes aqui entraram na proposta da dupla, o que dá mais um bom conceito ao filme, o de dividir opiniões, criar debates, estimular. É a intenção maior, ou assim deveria ser, de um festival que se pretende sério e iluminado. Aliás, esqueci de mencionar que entre as mudanças desta 40ª edição inclui-se a substituição da curadoria, antes dos crítico José Carlos Avellar e o realizador Sergio Sanz, e agora de um triunvirato formado pelos críticos Rubens Ewald Filho e Marcos Santuário e o ator José Wilker, também um comentarista habitual de cinema. Gostava da visão cuidadosa da dupla anterior, atenta com os festivais internacionais, mas até agora vejo no trio bons acertos. Já posso adiantar que isso inclui o documentário Futuro do Pretérito – Tropicalismo Now!, que Ninho Moraes, o pai da nossa linda e talentosa Alice Braga, realizou em parceria com o Francisco César Filho, o nosso querido Xiquinho, como conhecemos na área. Vi no CineCeará e gostei muito. Vou rever daqui a pouco, porque também o filme faz muito bem aos ouvidos. Até.

*

Jair Rodrigues rouba a cena de "Super Nada"

Exibido na competição do Festival de Gramado, filme de Rubens Rewald reflete sobre profissão de ator e comédia na TV

Por Marco Tomazzoni – IG Cultura | 12/08/2012

<http://ultimosegundo.ig.com.br/cultura/cinema/2012-08-12/jair-rodrigues-rouba-a-cena-de-super-nada.html>

A segunda noite de competição do 40º Festival de Gramado teve um concorrente peculiar. "Super Nada", segundo longa-metragem de Rubens Rewald, mais uma vez em parceria com Rossana Foglia, é uma espécie de primo de "[Riscado](#)", que saiu com [cinco prêmios da serra gaúcha](#) no ano passado. O roteiro reflete sobre a profissão de ator, mas também flerta com o suspense e alfineta a televisão.

Leia também: [Banda cover prejudica projeção de filme de Matheus Souza em Gramado](#)

O sempre excelente Marat Descartes ("Trabalhar Cansa") interpreta Guto, um ator

dedicado de 30 e poucos anos que, apesar dos esforços, luta para sobreviver em São Paulo. Ele ensaia suas esquetes cômicas, faz aulas de interpretação corporal e trabalha concentrado. Toda essa rotina integra um dos núcleos de "Super Nada", que Rewald, também dramaturgo e diretor teatral, retrata com conhecimento de causa.

A trama toma um rumo diferente quando Guto é chamado para um teste do programa "Super Nada", conjunto de esquetes cômicas no estilo de "Zorra Total". A estrela do show é o veterano Zeca (Jair Rodrigues), humorista que já viu tempos melhores, mas continua no ar pelo carinho do público. Público esse que tem em Guto, apaixonado pela "nobre arte que é a comédia", um de seus maiores fãs – um pôster de Zeca estampa a parede do apartamento do ator, ao lado de imagens de Golias.

O encontro dos dois traz consequências inesperadas, que balançam a trajetória e o espírito do filme, ainda povoado pela mãe de Guto (Denise Weinberg) e sua namorada (Clarissa Kiste), também atriz. A mudança de prumo é interessante, mas o grande trunfo de "Super Nada" é Jair Rodrigues.

Leia também: [Fernando Meirelles reclama da exibição de "360"; leia entrevista](#)

O comediante Zeca é uma mistura do malandro carioca e o da periferia paulistana. Dono de bordões ("não tá fácil pra ninguém" é um deles), estrela esquetes tão ruins que flertam com o nonsense, uma crítica nada sutil à qualidade do humor na televisão hoje. Nas mãos de Jair, no entanto, Zeca ganha energia surpreendente.

Com espírito de garoto, o ator e cantor de 73 anos – que não foi a Gramado, segundo o diretor, por conta de sua extensa agenda de shows – atua como se estivesse sempre improvisando e confere uma malemolência cativante ao personagem. Quando está em cena, é impossível tirar os olhos dele, que ainda estrela um delírio hilário de Guto e um número de dança inesquecível ao som do hit "Deixa Isso Pra Lá". Um trabalho merecedor de prêmios, que o júri não pode ignorar.

*

Atuação de Jair Rodrigues causa surpresa no Festival de Gramado

Cantor está no elenco de "Super Nada", comédia por Rubens Rewald. Ele não compareceu ao festival em função de compromissos musicais.

Por Márcio Luiz - Portal G1 | 12/08/2012

<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2012/08/atuacao-de-jair-rodrigues-causa-surpresa-no-festival-de-gramado.html>

Mesmo ausente do Festival de Cinema de Gramado por causa de outros compromissos profissionais, o cantor Jair Rodrigues foi um dos principais assuntos deste domingo (12). A atuação dele no filme “Super Nada”, exibido na noite de sábado (11) na mostra competitiva de longa-metragens nacionais deixou boa impressão no público e também na crítica.

Na comédia dirigida por Rubens Rewald, Jair interpreta “Zeca”, um decadente comediante e apresentador de um programa humorístico de televisão. O papel foi oferecido primeiro a outros atores, que recusaram ou alegaram outros compromissos, antes de cair no colo do cantor.

“Quando convidamos o Jair, ele disse que já tinha feito tudo de música e que seria divertido atuar. E topou. Aí adaptamos o roteiro para o Jair, que, poucos sabem, já tinha feito cinema”, contou Rubens durante entrevista coletiva, se referindo ao filme “Jovens prá Frente” (1968), de Alcino Diniz, no qual Jair teve uma participação.

Outros bons momentos do filme ficam por conta da interpretação de Marat Descartes. Ele interpreta Guto, um ator que dá duro para alcançar o sonho do sucesso e cujo maior ídolo é justamente Zeca, o personagem de Jair.

“Quando o Rubens me convidou, entrei em crise, porque não achava que tinha a idade para o papel. Mas depois percebi que não ter se encontrado na carreira não tem idade. Pode acontecer a qualquer um, em qualquer profissão”, afirmou o ator.

“Super Nada” é o segundo filme fruto da parceria entre Rubens Rewald e Rossana Foglia, que também co-dirigiram “Corpo” (2007). Dramaturgo e professor da USP, o diretor disse que tentou retratar um universo que conhece bem, o dos atores, e as dificuldades enfrentadas por eles em São Paulo.

*

Jair Rodrigues ganha destaque em Gramado mesmo sem comparecer ao Festival

Mariane Zendron – UOL | 12/08/12

<http://cinema.uol.com.br/ultnot/2012/08/12/jair-rodriques-ganha-destaque-em-gramado-mesmo-sem-comparecer-ao-festival.jhtm>

O cantor Jair Rodrigues resolveu se aventurar nas telonas, mas deixa de lado aquela figura leve dos shows, dona do hit “Deixa Isso pra Lá”, para interpretar um

personagem que tem um lado obscuro. No filme “Super Nada”, de Rubens Rewald, competidor de Gramado que foi exibido neste sábado (11), Jair vive Zeca, um humorista decadente que tem o destino cruzado com Guto (Marat Descartes), um ator que já passou dos trinta anos e que ainda não conseguiu se firmar na carreira.

Apesar de dar graça ao humorista, Jair também foi capaz de mostrar o caráter duvidoso do personagem. No bate-papo com jornalistas na manhã deste domingo, Rewald explicou a escolha de Jair, que não é ator, mas que tem grande apelo em relação ao público. “Precisávamos de alguém com história. Assim como o protagonista olha para o Zeca e vê alguém, o espectador também precisava ver uma figura conhecida no personagem”, explica o diretor.

Segundo Rewald, o cantor, que não veio a Gramado por conta de shows, topou participar do projeto porque já provou seu valor ao meio musical e por também acreditar que interpretar poderia ser algo divertido. “Quando Jair está na tela o público reage de maneira diferente. Isso enriquece demais o filme”, disse o produtor executivo do longa Leonardo Mecchi.

Jair Rodrigues, no entanto, não foi o primeiro nome a ser pensado para o papel. Atores como Otávio Augusto e Marcos Caruso já haviam sido cogitados, mas o contrato com a Globo impediu que eles participassem do projeto. Para trabalhar com alguém que não tem experiência como ator, o filme teve que se adaptar ao artista. “Fizemos uma adaptação nas falas porque o Jair tem um jeito mais popular”, disse o diretor. Rewald disse que, apesar de ter que repetir muitos takes até o cantor acertar o tom, elogiou a performance de Rodrigues. “Ele improvisava muito, o que é genial”.

O filme ainda conta com as boas atuações de Marat Descartes e Clarissa Kiste, que juntos retratam a vida de atores paulistanos que ainda não alcançaram o sucesso. “É um recorte muito verdadeiro. As pessoas me perguntam por que não estou na Globo e se vivo só do teatro”, disse Kiste, que já atuou na peça “Hell”, de Hector Babenco.

Descartes, que interpretou o músico Lui na novela da Globo “A Vida da Gente”, contou que ficou em crise quando foi chamado para o papel por já ter se consolidado na carreira. “Achei que não tivesse mais idade para o personagem, mas depois pensei que isso pode acontecer em qualquer momento da vida. Tem gente que fica patinando”, disse ele.

O diretor ainda lamentou o problema técnico que interrompeu a exibição do filme na noite deste sábado no Palácio dos Festivais. “É uma pena que tenha acontecido isso num momento importante para a história, em que o personagem descobre algo novo”.

A produção do evento afirmou que não irá se manifestar sobre o ocorrido.

*

Colunista Roger Lerina opina sobre os filmes "Super Nada" e "Futuro do Pretérito: Tropicalismo Now!"

Roger Lerina – Zero Hora | 12/08/2012

<http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/cultura-e-lazer/segundo-caderno/noticia/2012/08/colunista-roger-lerina-opina-sobre-os-filmes-super-nada-e-futuro-do-preterito-tropicalismo-now-3852249.html>

Super Nada, de Rubens Rewald

Duas frases pronunciadas nas coletivas de imprensa dão as (des)pistas sobre os longas brasileiros exibidos na competição de Gramado neste final de semana. "Pra onde eu vou com filme?", questionou-se diante dos jornalistas o diretor Rubens Rewald a respeito de seu Super Nada (SP), projetado no sábado. A surpresa e a heterodoxia são realmente duas qualidades do segundo longa do realizador do igualmente instigante Corpo (2007) — ambos codirigidos por Rossana Foglia. A princípio, Super Nada parece ser um drama cômico sobre um versátil ator paulistano que batalha empregando seu talento em diversas atividades — curiosamente, esse argumento lembra o filme carioca Riscado (2011), de Gustavo Pizzi, que no ano passado rendeu o Kikito de melhor atriz para a ótima Karine Teles.

Lá pelas tantas, porém, a história começa a mudar de rumo, a leveza torna-se plúmbea e o filme toma um caminho narrativo inesperado. A relação entre o faz-tudo das artes Guto (Marat Descartes em soberba atuação, já favorito ao prêmio da categoria) e o humorista popular de TV Super Nada (vivido pelo cantor Jair Rodrigues, em uma corajosa e dinâmica performance em cena) oscila da admiração ao confronto — um mesmo movimento pendular de empatia e repulsa que os personagens acabam provocando nos espectadores. Super Nada, o filme, parece tatear em busca de um norte — mas justamente esse caráter errático, que emula a própria instabilidade existencial do protagonista Guto, contribui para o fascínio enigmático da produção.

O humor negro e às vezes nonsense de Super Nada remete ainda às comédias tortas e cáusticas dos irmãos Joel e Ethan Coen. Super Nada destaca-se também pela oportunidade ímpar de ver Jair Rodrigues atuando no cinema — convidado às

vésperas do começo das filmagens, o cantor acrescentou às falas suas características gírias, trejeitos e improvisos.

*

Super Nada - FILME DA MOSTRA COMPETITIVA DE LONGA NACIONAL

Cine Garimpo | 13/08/12

<http://cinegarimpo.com.br/super-nada-gramado-2012/>

É “super” e é “nada” ao mesmo tempo. Curioso este título, que se ganha outros significados ainda mais profundos quando pensamos na contextualização do filme. O Super Nada é um daqueles programas de humor de televisão em formato antigo, absolutamente ultrapassado e batido (algo com *A Praça é Nossa e Zorra Total*), mas que ainda têm uma audiência fiel. Entre os espectadores que ainda assistem, está Guto (Marat Descartes, também de [Trabalhar Cansa](#), [Os Inquilinos](#)) um ator sem oportunidade, assim como foi mostrado no bonito filme [Riscado](#), premiado em Gramado no ano passado.

Enquanto Guto idolatra Zeca, o protagonista do programa na pele de Jair Rodrigues, tenta arranjar um emprego mais rentável, faz de tudo para se estabelecer na profissão de ator, estabilizar-se financeiramente. Entre um apartamento remendado, dificuldades de pagar as contas, encenações baratas na rua, aulas de dança com sua namorada Lívia, é um pai amoroso e um bom sujeito. Aliás, vale dizer que a figura de Marat Descartes está intimamente ligada a esse retrato da classe média que trabalha, dá um duro danado, coloca a família em primeiro lugar, é honesta, mas não tem oportunidade (nem sorte) de ter uma vida melhor. Vale a pena conferir *Trabalhar Cansa* e *Os Inquilinos* para entender que retrato é esse. Em *Super Nada*, não é diferente.

Até que o ritmo do filme muda quando Guto tem a oportunidade de fazer um teste para contracenar com Zeca no programa humorístico *Super Nada*. É a chance da sua vida e a virada do filme. A entrada de Jair Rodrigues em cena desestabiliza não somente o ritmo da primeira metade, mas também o personagem de Guto, que fica na beira do que pode ser “a perda do juízo” e a resposta do público. Lembrei imediatamente do clima de decisão no filme [É Proibido Fumar](#), quando Glória Pires

toma um rumo que muda todo o filme.

“Escolhemos Jair Rodrigues porque era importante ter alguém com que o público se identificasse”, diz o diretor Rubens Rewald em entrevista coletiva. “Trabalhar com Jair Rodrigues foi um desafio. Ele tem uma agenda de shows apertadíssima e improvisa a todo momento”, diz Rubens. E dá pra perceber. Apesar de ele, Jair, também já estar bem longe de seus tempos áureos, continua com uma plateia cativa. Assim como o Super Nada. Seria uma analogia à baixa qualidade da televisão brasileira, a um público que idolatra aqueles que na verdade não representam nada de muito profundo? Isso não demérito, é fato em todo o mundo. E essa é a brincadeira do filme, sem menosprezo, pelo contrário. “É sobre a indústria dos meios de comunicação, sempre com uma postura ambígua e sobre a ideia de decadência da televisão brasileira”, lembra o diretor. Acho que Rubens Rewald consegue tratar com humor inteligente ao universo real e imaginário brasileiro. Sem falar que Marat Descartes é fundamental para que isso aconteça de uma maneira verdadeira e genuína.

*

Gramado promove mescla entre longas de fácil comunicação com o público e 'filmes cabeça'

Estratégia da nova curadoria do festival ficou clara durante a exibição de 'O Que se Move'

Luiz Zanin - O Estado de S.Paulo | 17/08/12

<http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,gramado-promove-mescla-entre-longas-de-facil-comunicacao-com-o-publico-e-filmes-cabeca-,917829,0.htm>

GRAMADO - Durante a apresentação de *O Que se Move*, de Caetano Gotardo, ficou clara a estratégia da nova curadoria do festival: mesclar filmes de comunicação mais fácil com o público a outros que lhe exigem toda a paciência e atenção. É bem o caso desta talentosa estreia no longa-metragem do diretor paulista. A própria produtora, Sarah Silveira, já havia advertido, na apresentação do concorrente, que seria preciso atenção para com o "tempo do cinema", e paciência para poder aproveitar a proposta do filme.

São três histórias de perdas e separações, entre mães e filhos, mas o tema, ou melhor, o enredo, aqui é o que menos importa e sim a maneira alusiva e porosa de contá-lo. *O Que se Move* é uma obra de sensações, de sutilezas, de palavras não ditas. Ou de

palavras fundamentais que se escondem nas entrelinhas de outras palavras. Exige do espectador uma imersão dedicada e uma sensibilidade atenta muito mais naquilo que está implícito do que na superfície do filme. Nesse sentido, foi um erro passá-lo no último horário de uma sessão massacrante, com um longa latino antes, dois curtas e várias homenagens e discursos cansativos. É como obrigar o público a disputar os 400 m com barreiras depois de correr uma maratona. Não dá. É filme a ser observado, e fruído depois, em condições mais humanas.

O longa latino da noite, o cubano *Vinci*, de Eduardo Del Llano Rodríguez, não chega a ser uma decepção, mas se poderia esperar coisa melhor do cinema cubano. É um trabalho de locação única, uma masmorra infecta em Florença, onde Leonardo da Vinci é jogado, acusado de sodomia. Vê-se em companhia de dois presos, um ladrão e um assassino, que se entusiasma com a chegada do colega moço, boa-pinta e bem vestido. Leonardo só tem a sua arte a ajudá-lo em sua sobrevivência e, do seu convívio com dois seres brutos, surgirão diálogos interessantes e revelações inusitadas.

Claro, até pela proposta, *Vinci* é teatro filmado. Em cena, Leonardo, os dois condenados e apenas mais um personagem, o carcereiro. E, bem, alguns ratos. O melhor são alguns dos diálogos inteligentes, uma discussão sobre a utilidade (ou não) da arte. Sobretudo em condições árduas como as descritas. Será preciso dizer que, apesar de não vivermos em calabouços medievais, esta questão está sempre presente? Um gosto pelo grotesco e a interpretação estereotipada de um dos presos diminui o interesse pelo filme.

Entre os curtas: *Funeral à Cigana*, de Fernando Honesko, começa muito bem, com a ambientação entre a comunidade cigana interpretando a si mesma. A história é a de um funeral on the road, pois o defunto havia expressado o desejo de ser enterrado no local onde nasceu. Mas o filme carece de uma estruturação melhor e, tal qual uma caravana perdida, parece não saber para onde ir.

Já *A Mão Que Afaga*, de Gabriela Amaral Almeida, é uma das melhores surpresas do festival. Põe em cena uma operadora de telemarketing e sua necessidade de fazer uma festa de aniversário para o filho. Há poucos convidados e ela providencia um desses atores vestidos de ursinho para animar a festa. Melancolia brutal.

Até aqui, com o festival chegando próximo ao fim (hoje passam os últimos concorrentes, amanhã será a entrega dos Kikitos), *Super Nada*, de Rubens Rewald, é o melhor longa brasileiro. *Artigas - La Redota*, de Cesar Charlone, o melhor

estrangeiro. A seleção de longas-metragens brasileiros é muito boa, a de curtas, excelente, e a de longas latinos continua a dever.